

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**SELMA SANTOS BORGES**

**O NORDESTINO EM SÃO PAULO:  
DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE**

**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**SÃO PAULO  
2007**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**SELMA SANTOS BORGES**

**O NORDESTINO EM SÃO PAULO:  
DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yvone Dias Avelino.

**SÃO PAULO  
2007**

**Banca Examinadora**

---

---

---

Ao meu querido pai,  
Adnil Pereira Borges (*in memoriam*),  
que com muito esforço e dignidade conduziu-me  
à vida pautada pelo caráter, pela ética e pela justiça.

A Vítor Emanuel, Ana Gabriela, Vinícius Jenner,  
Ana Flávia, Clara Morena, Caio e Maria Eduarda,  
meus sobrinhos, razões maiores da minha existência.

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yvone Dias Avelino, pela singularidade e paciência com a qual me acolheu e conduziu esta orientação sempre acreditando que este trabalho fosse acontecer, apesar das pedras que surgiram ao longo deste caminho.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Vieira, que incentivou-me desde o início e que com as suas valiosas contribuições na banca de qualificação, esta pesquisa não tinha sido realizada.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia da Costa Garcia, que em momentos possíveis, faz poesia, pelas observações e sugestões fundamentais para a existência deste trabalho, além da banca de qualificação.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Costa Cardoso e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosário Cunha Peixoto, pela generosidade e suas importantes contribuições.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida sem a qual este trabalho não teria sido concluído.

Aos meus queridos professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que muito contribuíram para a minha formação humanista durante os cursos realizados.

À Betinha, secretária do Programa de Estudos Pós-Graduados de História Social da PUC-SP, candura de menina, sempre preocupada em atender aos que a solicitam.

A todos os entrevistados que constam desta pesquisa, sem os quais verdadeiramente esta não teria sido realizada.

A Silvano Fernandes Baia, que neste longínquo caminho foi um escudeiro imprescindível para que esta batalha não fosse perdida.

À Josefina Pereira Baia, pelo carinho com que sempre me acolheu.

Especialmente aos amigos, Edson Galis da Rocha, Josafá Pereira da Silva e José Reinaldo Miranda de Sousa, que estiveram sempre presentes nesta caminhada.

Aos amigos Amorim, Antônio Francisco, Aparecido Wilson, Isabel, Ivonildes, Jane Maria, Jane Rodrigueiro, Juraci, Lêda, Maria Regina, Nataniél, Osvaldo, Paulo, Silvana, Valéria e Walquíria, pelo carinho e incentivo.

À Luciene dos Santos Borges, Mônica Veloso Borges e Maria das Graças Veloso da Silva, que embora distantes, estiveram sempre presentes.

A Marcos Moraes Filho, pela sua grande contribuição.

À Blanilde Borges e Blandina Bastos, que me educaram como filha.

Ao meu irmão Paulo Jenner Santos Borges, que com sua grandeza de alma esteve sempre disposto a me acalmar nos momentos mais difíceis da minha existência. Agradeço também aos meus queridos irmãos Ana Luiza e Eduardo José Santos Borges e aos meus primos Adnil e Dilza, eternos companheiros que sempre acreditaram na realização desta longa caminhada.

A boa escrita imita a boa arte das lavadeiras de roupa.  
Carece de bater na pedra e enxugar o pano uma, duas,  
três vezes, até levá-la ao varal quase sem água.  
Escrever é secar ao sol.

(Graciliano Ramos)

# O NORDESTINO EM SÃO PAULO: DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

Selma Santos Borges

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a questão da identidade do migrante nordestino na cidade de São Paulo tanto do ponto de vista da representação que eles fazem de si mesmos como da percepção que deles fazem os paulistanos. Discute e analisa alguns estereótipos preconceituosos com que são caracterizados os nordestinos em São Paulo através de sua própria percepção, procurando identificar as formas como estes preconceitos se manifestam, como eles são sentidos pela população nordestina e como eles afetam a identidade que trazem de sua região. Dialoga com a produção acadêmica existente, apresentando alguns focos de “resistências culturais”, suas “redes de relações”, seus costumes, atitudes e comportamentos de seus lugares de origem. Os conceitos de identidade e preconceito são os principais referenciais nesta pesquisa, de abordagem histórico-sociológica, essencialmente pautada na análise de 30 entrevistas fechadas e 01 aberta, atentando para o diálogo com as ambigüidades manifestadas pelos migrantes: desconstrução/reconstrução, dominação/sujeição, discriminação/resistência. Tem como recorte temporal o início da década de 80, quando se acentua o desemprego na cidade, até a realização final deste trabalho. Neste estudo pode-se perceber que o migrante, ao sentir-se estigmatizado, busca entre os seus pares sustentação para permanecer na cidade.

**Palavras Chaves:** nordestino; migração; identidade; preconceito.

# O NORDESTINO EM SÃO PAULO: DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE

Selma Santos Borges

## ABSTRACT

This dissertation aims at analyzing the identity issue of São Paulo city's migrants from Brazil's northeast, both from point of view of the migrant self image and also how city natives perceive them. It discusses and analyses some of the prejudiced stereotypes through which northeastern migrants are portrayed in São Paulo in their own perception. It tries to pinpoint the manner these discriminations come about, by what means they are felt by the northeastern migrant population and to what extent this affects the concept they have from their homeland. It debates with the current academic production, the exposition of some "cultural resistance" points, their "relationship nets", their customs, attitudes and behaviors brought from their land of origin. The definition of identity and prejudice are key reference onto this research, within a socio-historic approach, in actual fact found on the assessment of 30 closed interviews and one open-ended, with attention to dualities expressed by migrants: deconstruction/ reconstruction, domination/ subjection, discrimination/ resistance. It contemplates from early 1980's, when city's unemployment rates soar, until present days. From this study, it can be noticed that the migrant, when feeling stigmatized, reaches among peers for support to stay in the city.

**Keywords:** Brazilian northeastern; migration; identity; prejudice.

## LISTA DE TABELAS

Quadro 1	Entrevistas realizadas com professores/professoras	71
Quadro 2	Entrevistas realizadas com garçons/garçonetes	79
Quadro 3	Entrevistas realizadas com zeladores/porteiros	85

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Dia da Consciência Negra em São Paulo Fonte: <a href="http://www.doglicerio.nafoto.net">www.doglicerio.nafoto.net</a>	95
Ilustração 2	Viaduto do Chá Registro realizado pela autora (18.02.07)	96
Ilustração 3	Antonio Marcos Barbosa da Silva Fonte: <a href="http://www.doglicerio.nafoto.net">www.doglicerio.nafoto.net</a>	97
Ilustração 4	Diário de São Paulo (06.12.06) – matéria: Nos braços do povo (chegada da seleção de vôlei campeã mundial)	101
Ilustração 5	Revista Brasileiros, nº 1, julho de 2007, p.49	102
Ilustração 6	Panfleto confeccionado por Antonio Marcos	103
Ilustração 7	Boneco confeccionado por Antonio Marcos Registro realizado pela autora (18.02.07)	103
Ilustração 8	Panfleto confeccionado por Antonio Marcos	103
Ilustração 9	Panfleto confeccionado por Antonio Marcos	104
Ilustração 10	Dia do Orgulho Gay em São Paulo 2007 Fonte: <a href="http://www.doglicerio.nafoto.net">www.doglicerio.nafoto.net</a>	104
Ilustração 11	Folha de São Paulo (C4, 21.11.06) matéria: Parada Negra reúne 12 mil em São Paulo	105
Ilustração 12	Antonio Marcos em frente à Prefeitura de São Paulo Registro realizado pela autora em (18.02.07)	106
Ilustração 13	Patativa do Assaré Foto de Robson Melo (Assaré, 2002:86)	109

## LISTA DE SIGLAS

ABC	Santo André, São Bernardo e São Caetano
CTB	Centro de Tradições Brasileiras
CTN	Centro de Tradições Nordestinas
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP
FMU	Faculdades Metropolitanas Unidas
FSP	Folha de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JB	Jornal do Brasil
NEPO	Núcleo de Estudos de População da UNICAMP
OSESP	O Estado de São Paulo
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SPTV	Programa de Jornalismo da Rede Globo de Televisão
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo I - UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA DOS NORDESTINOS EM SÃO PAULO</b>	<b>32</b>
1.1 Breve histórico da migração nordestina em São Paulo	32
1.2 A migração nordestina na pesquisa acadêmica	41
1.3 O nordestino em São Paulo na visão de algumas personalidades	65
<b>Capítulo II - O NORDESTINO EM SÃO PAULO</b>	<b>68</b>
2.1 O discurso dos migrantes	68
2.2 Análise das entrevistas	90
2.3 “O Movimento São Paulo Contra o Preconceito” Entrevista com Antonio Marcos Barbosa da Silva	95
<b>Capítulo III - PATATIVA DO ASSARÉ, CANTADOR DO NORDESTE EM VERSO E PROSA</b>	<b>107</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>117</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b>	<b>119</b>
<b>I BIBLIOGRAFIA</b>	<b>119</b>
1.1 Livros	119
1.2 Teses e Dissertações	122
<b>II FONTES</b>	<b>123</b>
2.1 Fontes escritas: jornais, revistas, cadernos, panfletos e sites da Internet	123
2.2 Fontes orais: rol dos entrevistados	124
2.2.1 Professores/ professoras entrevistados	124
2.2.2 Garçons/ garçonetes entrevistados	124
2.2.3 Zeladores/ porteiros entrevistados	124
2.3 Fontes imagéticas	125
2.3.1 Fotografias e imagens de livros, jornais e revistas	125
2.3.2 Filmes	125

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objetivo analisar a questão da identidade do nordestino na cidade de São Paulo tanto do ponto de vista da representação que os migrantes e seus descendentes fazem de si mesmos assim como da percepção dos paulistanos em relação a estes. Visa também discutir e analisar alguns estereótipos preconceituosos com que são caracterizados os nordestinos em São Paulo através de sua própria percepção, bem como identificar as formas como estes preconceitos se manifestam, como eles são sentidos pela população nordestina e como eles afetam a identidade que trazem de sua região.

Para fundamentação deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de livros, teses, dissertações e artigos de jornais e revistas, além de privilegiarmos a realização de entrevistas com migrantes, atentando para a necessidade de dialogar com ambiguidades, por exemplo, como se dá o processo de discriminação/resistência, desconstrução/construção, dominação/sujeição, ressaltando o fato de que as experiências relatadas pelos entrevistados estão em permanente transformação e, que estas são ao mesmo tempo individuais e sociais.

Utilizamos fundamentalmente o trabalho de campo, realizando entrevistas com diferentes segmentos da sociedade. Procuramos destacar a relação destes grupos, compostos em sua maioria de trabalhadores com baixa qualificação profissional, com a questão cultural na cidade de São Paulo.

Assim como foi detectado através da pesquisa jornalística efetuada por Maura Penna em *O Que Faz Ser Nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina* (1992), estudo sobre o mandato de Luiza Erundina na Prefeitura de São Paulo onde esta foi vítima de preconceito por alguns setores da sociedade pelo fato de ser nordestina, nos deparamos também em nossa

pesquisa com poucos artigos que abordam de forma clara a questão do preconceito em relação ao nordestino na cidade.

Ao sentir-se discriminado, principalmente pelo seu sotaque, uma das marcas acentuadas de sua identificação enquanto nordestino, bem como a sua braquicefalia (cabeça-chata),<sup>1</sup> este nega-se a si próprio incorporando o sotaque paulistano, observação constatada através de conversas informais e das entrevistas realizadas ao longo deste trabalho.

Através desta primeira negação identitária do seu sotaque, ressaltamos aqui uma das razões que nos levaram à escolha do título deste trabalho, *O Nordestino em São Paulo: Desconstrução e Reconstrução de uma Identidade*, pois ao mesmo tempo em que este busca firmar-se na cidade enquanto migrante nordestino e fazer prevalecer a sua identidade através das redes de relações que são mantidas, ainda que de forma inconsciente esforça-se para incorporar o sotaque paulistano para não ser visto como o “diferente”, para não ser alvo de discriminação e subestimação.

“O paulistano é uma mescla enorme entre brasileiros e nordestinos, que dá uma característica própria à cidade. Não existe um paulistano típico, com essa fala e esse modo característico que as novelas tentam forçar”, conforme afirmou a historiadora Zuleika Alvim (FSP, 23/01/00).

A estereotipização da “cultura nordestina” já foi notada por alguns autores, a exemplo de Ariano Suassuna, que em entrevista à *Revista Caros Amigos* (2003) destacou a falsificação do sotaque nordestino em produções

---

<sup>1</sup> Estudos científicos têm comprovado a origem pré-histórica da braquicefalia do nordestino. Pesquisa realizada por arqueólogos da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap em 1983 em cemitério indígena localizado na base da serra da Boa Vista, município de Brejo da Madre de Deus (PE), encontrou 60 esqueletos completos de indivíduos que viveram na região há 2.000 anos. A pesquisa foi acompanhada pelas especialistas em Antropologia Física do Museu Nacional Marília de Carvalho Mello e Sheila Ferraz Mendonça que levantaram a hipótese de que a cabeça chata dos indivíduos seria resultante dos casamentos consangüíneos da comunidade e da adaptação milenar dos povos ao ambiente semi-árido da caatinga. Já a arqueóloga Jeannette Dias levanta a hipótese de que os ossos da parte superior da cabeça se consolidavam precocemente nessa tribo e favoreciam o crescimento lateral do crânio (fonte: Jornal do Brasil, Cícero Belmar, 27/01/1987).

televisivas e teatrais, acabando por influenciar a cultura nordestina quando reproduzida por atores nordestinos. “Veja que os nossos atores não estão mais falando como a gente. Estão falando como atores de televisão imitando a gente. Imitam a imitação. É falta de auto-estima. O povo nordestino está querendo ser do sul”.

Dados lançados pela Fundação Seade em 2003 apontam 30% dos habitantes da cidade de São Paulo como migrantes. A imensa maioria deles é nordestina: os baianos, em primeiro lugar, são 25%, seguidos pelos pernambucanos que somam 15% e pelos cearenses que totalizam 8%. Comentando estes dados, o jornalista Gilberto Dimenstein observa que “se computarmos os paulistanos filhos ou netos de nordestinos, veremos que, se, no passado, o paulistano típico tinha um pé na Itália, hoje o tem no Nordeste. E aí reside um problema. Não se vê na cidade reverência aos nordestinos. Não há um museu decente que conte a saga deles em São Paulo; não fazem parte dos livros didáticos como referências positivas, estão geralmente associados à seca, à miséria e aos políticos corruptos; quase nunca (para não dizer nunca) aparecem como heróis em novelas sobre a vida paulistana, papel sempre oferecido aos italianos. Não raro, ouvem-se comentários maldosos e preconceituosos que ligam os nordestinos à criminalidade ou à falta de cultura” (FSP, 16/10/03 e 19/10/03).

Assim como na cidade do Rio de Janeiro o nordestino é chamado de “paraíba”, em São Paulo ele é generalizadamente chamado de “baiano”, independentemente do Estado de sua procedência.<sup>2</sup> Diversos autores já se referiram à conotação preconceituosa que adquiriu esta denominação de “baiano” como sinônimo de nordestino, entre eles o sociólogo Fernando Henrique Cardoso:

Muitos dos migrantes brasileiros que habitam São Paulo, sem que se considere os lugares reais de nascimento, são chamados

---

<sup>2</sup> De fato é grande a presença de baianos entre os migrantes nordestinos em São Paulo. Pesquisa divulgada no jornal Folha de São Paulo de 23/01/00 constatou que 16% dos pais de paulistanos nasceram no Estado da Bahia, o que evidentemente não justifica esta generalização.

popularmente de “bairanos”, isto é, nascidos no Estado “nordestino” da Bahia. “Baiano” é uma expressão que não deixa, em São Paulo, de ter uma carga de preconceito: é o inepto, iletrado, o habitante da cidade que não é “urbano”. A indústria de construção civil, onde a mão-de-obra não qualificada avulta, os serviços não especializados, os guardadores de automóveis nas ruas etc. estão repletos de “bairanos”. Os verdadeiros “paulistanos”, a rigor, são os descendentes dos imigrantes estrangeiros... (1975:45).

No entanto, a constatação dos percentuais da população nordestina na composição da cidade não impede que parte dos paulistanos (principalmente entre a classe média e a elite cidadina) atribua aos migrantes nordestinos as mazelas de São Paulo, como o inchaço populacional, o desemprego, a violência e outros problemas que dizem respeito a toda megalópole, desconsiderando-os inclusive como participantes da construção da cidade.

Apesar da invisibilidade enquanto partícipes da composição da trama urbana, há evidências de que estes migrantes e seus descendentes constroem focos que poderíamos chamar de “resistências culturais”, que cumprem a função de referenciar na grande e anônima metrópole para si próprios, seus costumes, atitudes e comportamentos de seus lugares de origem. Embora não tenhamos trabalhado diretamente estes focos de “resistência cultural” do nordestino em São Paulo, ressaltamos sua relevância enquanto afirmação de uma identidade, conforme constatado em outros estudos que tiveram como foco perceber como esses grupos se articulam entre si e com outros setores da sociedade paulistana. Tais indivíduos se encontram disseminados por toda a megalópole:

Existe, na cidade de São Paulo, um espaço comumente associado a migrantes de origem nordestina, que fazem dele, preferencialmente, um ponto de encontro e lugar de desfrute de diversas formas de lazer com características regionais: é a Praça da Sé. Com efeito, uma rápida observação dos objetos ali vendidos, das atrações oferecidas e do inconfundível sotaque mostra a veracidade da afirmação. Mas é verdade, também, que migrantes de outras regiões, e pessoas nascidas em São Paulo frequentam a Praça da Sé, assim como é verdade que os próprios migrantes nordestinos têm outros lugares de encontro, não tão

badalados como esse, mas igualmente importantes para o estabelecimento e manutenção de seus laços de sociabilidade e referência (MAGNANI,1990:08).

Sabemos que não só na Praça da Sé como em vários locais da cidade de São Paulo há uma variedade de “manchas”, termo utilizado por Magnani, porém não é objetivo deste trabalho fazer uma análise aprofundada destas, em razão da existência de outros estudos que já se dedicaram a este tema, que serão mencionados no Capítulo I. Alguns dos pontos mais conhecidos são: O Largo da Concórdia (Brás), Parque da Luz, Parque Dom Pedro II, Largo da Batata (Pinheiros), Largo do Japonês (Cachoeirinha), Largo Treze de Maio (Santo Amaro), Mercado da Penha, Praça Central de São Miguel Paulista, Praça Silvo Romero, Praça da Árvore (denominada no final dos anos 70 como “a embaixada dos baianos”), bem como as “Casas do Norte” (armazéns que vendem produtos comestíveis vindos da região nordeste que se encontram espalhados em vários pontos da cidade), e os bares e restaurantes como o Cantinho do Nordeste (Vila Mariana), o Rancho Nordestino (Bela Vista), a Rota do Acarajé (Santa Cecília), a Toca da Angélica (Barra Funda). Contamos ainda com pontos de lazer de destaque frequentados pela população nordestina, o CTN (Centro de Tradições Nordestinas), situado no bairro do Limão, o Clube da Cidade na Barra Funda, a casa de shows Patativa do Assaré em Santo Amaro, o CTB (Centro de Tradições Brasileiras) em São Miguel Paulista, entre outras.

Neste estudo sobre a desconstrução e a reconstrução da identidade do migrante nordestino em São Paulo, trabalhamos com dois conceitos fundamentais: *identidade* e *preconceito*. O conceito de identidade, uma das ferramentas teóricas principais deste trabalho, tem sido recentemente utilizado em muitas pesquisas, sobre vários aspectos. Valemo-nos de alguns autores envolvidos com esta questão, que nos possibilitaram refletir mais proficuamente a respeito desta abordagem.

Para Stuart Hall, uma das principais referências na discussão das identidades, estas têm a ver com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (1997:108-109).

O conceito de “identidade” que Hall desenvolve, não é um conceito essencialista, mas estratégico e posicional; isto é, não é uma concepção do eu imutável. Assim como o eu não permanece sempre “o mesmo”, idêntico a si próprio ao longo do tempo, no que diz respeito à questão da identidade cultural, o eu coletivo não é sempre uma unidade estável, imutável; as identidades não são nunca unificadas, estão sujeitas a uma historicização radical, sempre em processo de mudança e transformação. Hall vincula as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas, ou seja, ele se refere aos processos de globalização, bem como aos processos de migração forçada (“ou livre”) que têm se tornado um fenômeno global do assim chamado pós-colonial (2003:108).

Para Stuart Hall, a identidade cultural não é permanente e destituída de irregularidades; não é fixa, é sempre híbrida. “Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um ‘posicionamento’, ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade”. De acordo com o autor, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos (2006:409).

Hall utiliza o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (2003:111-112).

Diante de tais reflexões e indagações acerca da “identidade”, que o autor acima citado considera como um fenômeno paradoxal cuja complexidade é de difícil explicação, podemos supor que a constituição de uma identidade social é um ato de poder e que esta consegue se afirmar por meio da repressão daquilo que a ameaça.

É preciso também considerar que as identidades são múltiplas, ou seja, distintas identidades convivem no mesmo indivíduo. Entre os nordestinos, para exemplificar com nosso próprio objeto de estudo, existem certamente torcedores de diversos clubes de futebol, filiados a distintas religiões, eleitores de distintos partidos, diversidade de preferência sexual, entre outras diferenciações. Desta forma, inúmeras intersecções são possíveis. Ainda assim, é possível imaginar que algumas opções têm mais apelo para este grupo e, portanto, devem ser encontradas em maior número.

Para Maura Penna, que trabalhou com o conceito de identidade visando responder a pergunta “o que faz ser nordestino?”, as complexas questões relativas à identidade social “localizando-se na intersecção do individual e do coletivo, recolocam o problema teórico da articulação entre identidade pessoal e identidade social – coletiva, ou que tem por referência um grupo social”. A autora ressalta existirem hoje nas ciências sociais, distintas definições e empregos da noção de identidade, não existindo assim um quadro conceitual definido, “exceção

talvez, do campo específico da identidade étnica, onde a concentração de diversas pesquisas tem firmado alguns elementos teóricos básicos” (1992:14-15).

Para Kathryn Woodward (2003), existe uma tensão entre perspectivas essencialistas e perspectivas não-essencialistas sobre identidade. A autora parte da discussão feita por Michael Ignatieff sobre a identidade nacional na antiga Iugoslávia, que, segundo ela, ilustra diversos dos principais aspectos da identidade e da diferença em geral, para elencar elementos visando à construção de um quadro teórico que possa dar uma compressão mais ampla dos processos que estão envolvidos na construção da identidade, que podemos resumir assim:

- ✓ Com frequência, a identidade envolve reivindicações *essencialistas* sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e mutável.
- ✓ Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; por exemplo, em algumas versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco. Mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável.
- ✓ A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades.
- ✓ A identidade está vinculada *também* a condições *sociais e materiais*. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso tem efeitos reais.
- ✓ O *social* e o *simbólico* referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a

relações sociais. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais.

- ✓ A conceitualização da identidade envolve o exame dos *sistemas classificatórios* que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas.
- ✓ Algumas diferenças são marcadas, mas outras podem ser obscurecidas; por exemplo, a afirmação da identidade nacional pode omitir diferenças de classe ou de gênero, entre outras.
- ✓ As identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas. Pode haver discrepâncias entre o nível coletivo e o nível individual.
- ✓ Precisamos, ainda, explicar por que as pessoas *assumem* suas posições de identidade e *se identificam* com elas. Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem? O nível psíquico também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade. Todos esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas (p.13-15).

Queremos reforçar, no caso do estudo que realizamos - a desconstrução e reconstrução da identidade do nordestino em São Paulo - a aliança que estes migrantes estabelecem com seus pares visando reconstruir sua identidade, que sofreu um processo de desconstrução a partir de sua chegada na cidade e, para a recuperação desta, é fundamental uma aproximação junto aos que vivenciam o mesmo processo de exclusão, como forma de auto-afirmação.

Inclui-se neste processo a manutenção dos costumes, sejam estes culinários, as manifestações culturais, os locais de lazer, a permanência dos agrupamentos sociais e especialmente familiares. Embora o migrante nordestino

incorpore novos elementos culturais da cidade, ele não deixa para trás a sua cultura e os seus valores.

Maura Penna ressalta que “as dificuldades de se delimitar uma cultura nordestina, que não é dada, advêm do fato de que esta demarcação, ao mesmo tempo em que expressa as diferenciações sociais e históricas da região, homogeneiza diferenças internas sob a marca do típico, com o risco de se cair numa abstração que mascare a multiplicidade de relações em que se situam as diversas práticas culturais, enquanto manifestações vivas e cheias de significados” (1992:76).

De fato, não existe uma só cultura nordestina, mas várias, à medida que estas não são homogêneas e cada Estado tem as suas particularidades culturais. A Bahia, por exemplo, se diferencia dos demais estados do Nordeste, tendo como um dos fatores relevantes a presença marcante dos negros escravos que trouxeram da África elementos culturais que deram origem a especificidades locais, a exemplo da culinária afro-baiana (acarajé, vatapá, caruru, etc), da capoeira, e de uma musicalidade característica que se expressou especificamente no aspecto rítmico. Em outros Estados onde a escravidão negra foi um fato, esta influência não aconteceu da mesma forma.

De uma maneira geral, os estudos das identidades têm ressaltado a importância de se observar não apenas a representação que um grupo faz de si, mas também a que deles fazem os outros. Acreditamos que existe uma profunda interação entre estes dois aspectos da questão da identidade, na medida em que a representação que o grupo faz de si é afetada pela que deles fazem os outros. Neste sentido, no caso do nosso estudo, pensamos ser o preconceito elemento indissociável da formação da identidade.

Diferentemente do conceito de identidade, a literatura sobre o preconceito é bem mais restrita. Ressaltamos a dificuldade encontrada em levantarmos uma literatura específica voltada para esta questão. Nos valem, portanto, das

poucas conceituações encontradas. Um destes textos, *Preconceito, indivíduo e cultura*, de José Leon Crochik (1997), inicia o prefácio ressaltando as dificuldades em se trabalhar com este conceito:

Escrever sobre o preconceito não é uma tarefa fácil, não só porque o tema é complexo, mas, principalmente, porque nos obriga a refletir sobre nós mesmos, sobre nossos sentimentos, pensamentos e atos cotidianos, uma vez que, seguindo uma das teses centrais deste texto, não somos imunes a ele. Contudo, estamos convictos que somente quando pudermos reconhecer em nós mesmos a violência que criticamos no outro é que poderemos dar início ao entendimento do problema (p.9).

Crochik aponta diversas complicações inerentes ao conceito de preconceito. O indivíduo preconceituoso tende a desenvolver esse comportamento em relação a diversos grupos, o que aponta uma característica desenvolvida por ele independente daquelas dos objetos alvos dos preconceitos.<sup>3</sup> O preconceito diz mais respeito àquele que o tem do que ao objeto da sua atitude, mas não é independente deste último, uma vez que os diversos conteúdos do preconceito em relação aos diferentes objetos não são semelhantes entre si. Cada objeto suscita no preconceituoso diferentes sentimentos relacionados a conteúdos psíquicos distintos. Isto dificulta que se estabeleça um conceito unitário de preconceito, “pois este tem aspectos constantes, que dizem respeito a uma conduta rígida frente a diversos objetos, e aspectos variáveis, que remetem as necessidades específicas do preconceituoso, sendo representadas nos conteúdos distintos atribuídos aos objetos” (p.12).

Segundo Renato da Silva Queiróz, o preconceito é uma manifestação irracional, que nos envolve emocionalmente, impedindo que possamos examinar

---

<sup>3</sup> Podemos imaginar como exemplo um *skinhead* nazi-fascista, que geralmente se manifesta contra homossexuais, negros, nordestinos e judeus. Durval Muniz principia assim seu livro *A Invenção do Nordeste*, sobre o qual falaremos no próximo capítulo: “Liguemos a televisão. Um “careca do ABC”, de aproximadamente 1,65m de altura, olha fixo para a câmara e dispara: “Você já viu um nordestino de 1,80m de altura e inteligente?” O que ele se considerava, obviamente” (1999:19).

a complexidade dos fatos de forma honesta e objetiva, bem como os estereótipos que são rótulos usados para qualificar, superficial e genericamente, grupos étnicos, raciais, religiosos, nacionais e até grupos de pessoas do mesmo sexo ou profissão. Constituem imagens simplificadas ou caricaturais, assimiladas pelas pessoas a partir das mais variadas fontes, mas raramente por meio de uma experiência direta com a realidade (1995:16;25).

Erving Goffman ao referir-se à questão da identidade afirma que “as pessoas com atributo diferencial vergonhoso podem romper com aquilo que é chamado realidade e tentar obstinadamente empregar uma interpretação não convencional do caráter da sua identidade social” (1975:20). A partir desta observação, podemos estendê-la ao preconceito lingüístico de que sofre o nordestino em São Paulo, quando este esforça-se para alterar o seu sotaque visando ser incorporado nesta sociedade que o subestima por ser diferente.

De acordo com Ellis Cashmore, o conceito de preconceito “pode ser definido como conjunto de crenças e valores aprendidos, que levam um indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes. [...] O preconceito pode ser explicado, portanto, como o resultado das experiências da infância, da pressão para se adequar à sociedade em que se vive e da busca por um bode expiatório. Existem muitas outras explicações; ele pode ser focado como um fenômeno individual ou social. Independentemente da explicação, é preciso considerar que o preconceito é um fator importante nas relações raciais e étnicas. Ser consciente da presença de um outro grupo e manter valores e crenças negativos a seu respeito influencia crucialmente o comportamento em relação a esse grupo e, portanto, o padrão geral das relações raciais” (2000:438-441). Embora esta abordagem esteja voltada para o preconceito étnico-racial, é possível fazer um paralelo entre esta definição e as questões que estamos estudando.

Uma vez que nos propusemos a investigar como alguns segmentos da população nordestina em São Paulo vêem a si próprios e a percepção que eles têm de como são vistos, o trabalho com entrevistas foi fundamental para a realização desta pesquisa.

Foram realizadas trinta entrevistas fechadas<sup>4</sup>, distribuídas em três amostras, visando ressaltar como vive e sente o migrante na cidade e como este interage com as contradições impostas por uma sociedade que o estigmatiza como sendo o “diferente”. Realizamos também uma entrevista aberta<sup>5</sup> com um migrante que tem tido iniciativas voltadas contra o preconceito, especialmente em relação ao nordestino, que vem tendo grande visibilidade nos meios de comunicação. Consideramos mais adequado trabalharmos com a técnica da pesquisa qualitativa nesta amostragem de 31 pessoas, pois julgamos este contingente suficiente para obtermos as indagações as quais nos propusemos fazer, tendo sempre como relevância a abordagem sobre o preconceito e a identidade. Entrevistamos três segmentos de trabalhadores: professores/professoras, garçons/garçonetes e zeladores/porteiros de prédios residenciais. Os critérios de escolha destes segmentos estão explicitados no Capítulo II.

Pensávamos que as entrevistas fluiriam com menor tensão por parte dos entrevistados, fato que não ocorreu. Na maioria das vezes nos deparamos inclusive com a não disponibilidade em respondê-las, alegando justificativas como a falta de tempo, o medo de se expor (embora não explícito), dado aos questionamentos do gênero: “para quem serve esta entrevista”? “posso até responder, mas não ponha meu nome”, “não respondo a nenhum tipo de

---

<sup>4</sup> As entrevistas fechadas, também chamadas de padronizadas ou estruturadas, são aquelas nas quais o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, seguindo um questionário com as mesmas perguntas para todos entrevistados e é efetuada, geralmente, com pessoas selecionadas segundo um plano.

<sup>5</sup> As entrevistas abertas, não-padronizadas ou não-estruturadas são aquelas nas quais as perguntas não seguem um roteiro, fluindo como uma conversação informal sem direção previamente estabelecida.

entrevista”, e, principalmente, nos segmentos com baixo grau de qualificação profissional, não raramente foi-se questionado se ao respondê-la esta renderia algum benefício, como por exemplo, “quanto vou ganhar?”. Para que estas entrevistas fossem realizadas, em sua maioria, foi necessário que se estabelecesse um grau de confiabilidade entre o entrevistado e a pesquisadora, demandando mais tempo do que o imaginado para realização desta etapa do trabalho. No início desta pesquisa, foi escolhido também um segmento por localização geográfica, no caso o Largo da Concórdia, centro de ambulantes e uma das “manchas” importantes de nordestinos em São Paulo, conforme mencionado anteriormente. Começamos inclusive os primeiros contatos em Outubro de 2005 visando a realização de entrevistas, que foram interrompidos a partir do momento em que ocorreu a intervenção da Prefeitura neste espaço urbano<sup>6</sup>. Desde então, os contatados se dispersaram e, quando localizados na região, se mostraram muito desconfiados, recusando-se a conceder a entrevista e a dar continuidade ao contato. Ficamos com a sensação de que esta postura adveio do receio de que a pesquisa tivesse por objetivo colher informações sobre eles para a Prefeitura.

Ainda sobre a questão da complexidade do trabalho com a oralidade, valemo-nos da observação feita pela historiadora Yara Aun Khoury:

Ao procurarmos fazer da entrevista um espaço aberto para a construção de um diálogo efetivo, esbarramos sempre em obstáculos, por vezes dificilmente perceptíveis e, por outros, causando-nos estranhamentos. Entendemos esses obstáculos como expressões de fronteiras sociais e culturais, físicas e imaginárias, e por meio das quais nos comunicamos. Estas se constituem e se desdobram de modo bem mais complexo do que podemos imaginar, em todas as dimensões do social. As pessoas são um amálgama de muitas experiências que se constituem e se

---

<sup>6</sup> A Prefeitura de São Paulo retirou os ambulantes que ocupavam a região central do Largo da Concórdia em ação que encontrou resistência por parte destes, com enfrentamentos com a polícia. As obras de reurbanização no local onde se encontravam os ambulantes iniciaram-se em Janeiro de 2006.

transformam na vida diária, vivendo e se comunicando através de fronteiras e transitando entre elas (2004:127).

Ressaltando a importância da oralidade como fonte de recuperação de experiências e reflexões de sujeitos sociais inseridos num contexto de desterritorialização, achamos importante destacar a dificuldade que encontramos ao trabalharmos com depoimentos. Esta dificuldade foi reforçada pelo fato de que a maioria dos indivíduos que constituem o *corpus* de nosso estudo, ao longo de suas vidas, passaram por diversos processos de estigmatização, levando-os a sentirem-se intimidados ao serem abordados para falar sobre a questão do “preconceito”.

Para o pesquisador, ainda que este pretenda manter-se neutro diante da questão sempre reafirmada da imparcialidade e da recomendação metodológica de distanciamento do objeto estudado, esta dicotomia é extremamente complexa, pois é difícil manter-se um distanciamento pleno em relação ao objeto no decorrer da pesquisa, tanto mais que sua escolha já foi determinada por algum nível de relação para com este.

Chartier afirma que as representações do social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjaram. Considera assim, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros (1990:17). Embora o autor esteja referindo-se a representações do social de uma maneira mais ampla, estas observações podem ser aplicadas à própria posição do pesquisador. Se de fato deve-se buscar ao máximo o distanciamento do objeto, no limite, a neutralidade absoluta é impossível. Sendo assim, uma forma de controle dos resultados da pesquisa é apresentar claramente um histórico do pesquisador frente ao problema estudado.

Assim como a maioria dos migrantes nordestinos, sonhava em vir para São Paulo para trabalhar, estudar e “ser alguém na vida”.<sup>7</sup> Era janeiro de 1978 e eu contava na época com dezesseis anos. Morava em Itamaraju, uma pequena cidade do sul da Bahia com meu pai, esposa e três irmãos, quando um primo que foi a passeio, convidou-me para vir morar com a minha mãe e dois irmãos que até então não conhecia, pois fui criada com a família do meu pai a partir dos quatro anos de idade.

Na verdade, gostaria de ter ido morar em Salvador que era a capital mais próxima da cidade e poderia visitar a minha família com mais frequência. No entanto, lá não tinha parentes nem conhecidos que pudessem me acolher.

Desde a saída da cidade, aconteceu-me uma cena inusitada, pois a alça frágil da mala em que trazia meus poucos pertences quebrou, e meu pai teve que improvisar uma alça de corda. Meu pai e eu chorávamos não apenas pela cena ocorrida, mas pela saudade que ficava para trás. O coração partido de um pai que via uma menina sair para um lugar distante, que ele próprio conhecia e, portanto, sabia das adversidades que a aguardavam.

O trajeto já foi uma das primeiras provações, pois o veículo era uma Kombi velha que quebrava com frequência, não havia os bancos de trás e trazia além da família do meu primo, outros parentes, que no total somavam oito pessoas apinhadas num local sem ventilação e sentadas no chão.

Por mim, passavam vários sentimentos desde o temor do desconhecido à perspectiva de poder me estabilizar, trabalhar e mandar dinheiro para ajudar a minha família.

O primeiro impacto com a cidade foi a grandeza da Via Dutra onde vi várias indústrias e me imaginei trabalhando em uma delas. Pensava eu, uma adolescente sonhadora e cheia de esperança, que seria fácil conseguir um bom trabalho e adaptar-me rapidamente na cidade. Porém, logo ao chegar à casa da

---

<sup>7</sup> Embora tenhamos buscado nesta dissertação um texto impessoal, nesta narrativa considerei mais adequado utilizar a 1ª pessoa do singular.

minha mãe (que constava de dois cômodos) na periferia da Zona Norte - Parque Novo Mundo, senti o mundo desabar e a primeira vontade que tive foi a de voltar para “o meu lugar”, para o meu aconchego, que embora modesto me dava segurança.

Apesar do choque que senti diante da miséria econômica e cultural da nova família (todos analfabetos), tive logo que reagir e depois de duas semanas já estava trabalhando numa pequena fábrica do bairro como ajudante geral. A contradição foi muito grande, pois cursava o 2º ano do atual Ensino Médio, e todos os trabalhadores, incluindo a minha chefe, eram analfabetos ou semi-analfabetos. Trabalhei onze meses e depois consegui arrumar um emprego de auxiliar de escritório na Rua Barão de Paranapiacaba, no centro da cidade, onde as coisas começaram a melhorar. Com o pequeno salário que recebia, me sustentava e pagava um curso de contabilidade, visualizando uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Não posso deixar de mencionar o choque identitário-linguístico-cultural que senti no primeiro dia de aula. A aula era de português e a professora quando começou a ditar o texto, eu entrei em pânico, pois a sonoridade das palavras (o sotaque paulistano) era muito diferente do meu. Me senti completamente perdida, principalmente em relação as vogais, por exemplo: o /ô/ falado era (fechado) e eu trazia como sonoridade o /ó/ (aberto), assim como as preposições /de/ e o /do/ (contração da preposição de e do artigo o). Eu olhava no caderno do colega ao lado e via que não eram acentuados. Melhor exemplificando: quando a professora ditava “o copo de leite” e “o caderno do João”, eu escrevia da seguinte forma: “ô copo **dê** leite” e “ô caderno **dô** João”. Na Bahia, o artigo /o/ era falado /u/ ou /ó/, a preposição /de/ era falada /di/, o /do/ era falado /du/, e assim por diante. Só depois de algumas aulas que fui me familiarizando com o linguajar paulistano.

Após ter concluído o Ensino Médio em contabilidade, consegui arrumar um emprego numa empresa de médio porte chamada Orniex, alugar uma

quitinete para morar e trazer minha irmã e mais duas amigas que também vieram. Infelizmente meu pai ficou muito doente e minha irmã teve que voltar, pois o mesmo já não podia mais trabalhar. As duas amigas, que eram irmãs, pertenciam a uma classe social diferente da minha. O pai era fazendeiro e mandava-lhes uma quantia mensal, o que facilitou se dedicarem a uma carreira acadêmica. Naturalmente isto em nada diminui o mérito de seus esforços. Em resumo, hoje são doutoras em História Social pela USP e professoras universitárias.

O leitor deve estar se perguntando o porquê da ênfase dada ao relato destas duas irmãs já que o objetivo aqui proposto é apresentar um pouco da minha trajetória. Porém, o intuito deste foi mostrar que existem diferenças circunstanciais entre migrantes que vêm com distintos níveis de infra-estrutura, que, se não são determinantes para a perspectiva de uma ascensão social na cidade, podem se constituir num elemento facilitador em relação àqueles que não dispõem de nenhum respaldo para uma sobrevivência mais digna e planejada.

Durante um bom tempo, enviava uma quantia ao mês para os meus familiares, pois como já citado, meu pai não podia mais trabalhar. Com relação ao fato de ser nordestina sofri vários tipos de preconceito. Elencarei alguns:

\* Nos primeiros contatos com os colegas de escola já me senti discriminada, pois, ao falar, alguns riam do meu sotaque. Para mim foi uma violência tão grande que interrompi o ano letivo após cinco meses de aula, voltando a estudar no ano seguinte em outra escola. Aliado a este fator, não consegui estabelecer uma convivência saudável com a minha mãe e irmãos devido ao distanciamento cultural. Eu gostava de ler, estudar e eles não davam importância, pois eram analfabetos e não se preocupavam em aprender a ler.

Diante da falta de interlocutores e da solidão, tive problemas de depressão, fato que tem sido relatado por diversos migrantes, especialmente por aqueles que não contam com uma rede social já estabelecida. Descobri o endereço de uma prima que já conhecia da Bahia e fui morar com ela na Vila

Mariana, deixando para trás o convívio com minha mãe e irmãos. Fui bem acolhida, mas morei lá por um curto período. Logo passei a morar com a minha irmã e as amigas já citadas. Reforço aqui, mais um exemplo de como se dá a 'rede de familiaridades' entre os migrantes nordestinos (a maioria vem morar com parentes ou amigos).

\* Quando trabalhei na Companhia Brasileira de Alumínio - CBA, pertencente ao Grupo Votorantin do Sr. Antonio Ermírio de Moraes e família, como Auxiliar de Departamento Pessoal, tive um chefe que não gostava de nordestino e sempre que algo de errado acontecia, este utilizava-se da expressão "baianada", ainda muito usual nos dias de hoje. Um dia, não me recordo exatamente o erro que um colega de trabalho cometeu e este chefe o chamou à sua mesa aos brados, ofendendo-lhe com termos pejorativos relacionados aos nordestinos e que ele só poderia ser "lá de cima". Senti-me ofendida como se fosse a mim a quem ele se dirigia. Pedi demissão, e, claro, me arrependi posteriormente, pois sempre dependi do meu sustento.

\* A minha primeira experiência como professora, há dezessete anos, numa escola particular, foi bastante desagradável, pois um dia a diretora e a coordenadora da escola foram assistir a uma aula minha e depois sugeriram que eu me esforçasse para mudar o meu sotaque pois alguns alunos tinham comentado sobre o modo como eu falava. No final do ano pedi demissão desta escola que de certa forma influenciou-me a não mais querer lecionar em escolas particulares. Hoje já superei isso, embora o meu projeto seja ser professora no Nordeste.

\* Outros episódios em relação ao preconceito lingüístico do qual fui vítima se repetiram em escolas públicas também. Ano após ano ouvi alunos se referirem ao meu sotaque baiano. No início foi mais agressivo, pois não conseguia me posicionar e me defender adequadamente. Hoje, quando me sinto hostilizada em relação à minha origem, explico sobre a tamanha diversidade cultural que tem o Brasil, um país de grande extensão territorial, e que ao receber

povos de diversas partes do mundo passou por um processo de cruzamento de culturas que resultou numa variedade lingüística muito diversificada. Procuro deixar claro que toda forma de preconceito é execrável. Ainda enfrento resistência por parte de alguns segmentos sociais, porém tem diminuído bastante, creio eu, principalmente pela alteração do meu sotaque diante do tempo em que moro na cidade.

Assim como a maioria dos migrantes que entrevistei, em relação ao meu círculo de amizades, também prevalecem os amigos nordestinos.

Para finalizar, ainda que buscando a imparcialidade que deve ter o pesquisador, através da análise das entrevistas no Capítulo II, constatamos que muito dos sentimentos e idiosincrasias relatados vão de encontro aos desta breve narrativa.

---

Para uma melhor apresentação deste trabalho, escolhemos dividi-lo em três capítulos. O Capítulo I, *Um olhar sobre a presença dos nordestinos em São Paulo*, traz um breve histórico da migração nordestina a partir da década de 1940, fundamentando o recorte temporal desta pesquisa no período que se inicia na década de 1980 e se estende até o momento da realização da mesma. Fazemos também neste capítulo uma revisão da bibliografia acadêmica sobre o Nordeste e o nordestino, com especial atenção para aqueles trabalhos voltados para o estudo da condição do migrante.

No Capítulo II, *O Nordestino em São Paulo*, apresentamos os procedimentos adotados na realização das entrevistas, fazemos as transcrições destas, e analisamos os dados obtidos no trabalho de campo.

No Capítulo III, *Patativa do Assaré, Cantador do Nordeste em Verso e Prosa*, fazemos uma breve apresentação do poeta Patativa do Assaré e destacamos alguns elementos de sua produção poético-musical.

Por último, apresentamos nossas *Considerações Finais*.

## Capítulo I

### UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA DOS NORDESTINOS EM SÃO PAULO

#### 1.1 Breve histórico da migração nordestina em São Paulo

A migração dos nordestinos para São Paulo, como demonstram vários estudos, não é uma história recente. O êxodo rural destes migrantes inicia-se desde a primeira metade do século XIX, quando dos primórdios do processo de crescimento capitalista no Brasil, em que São Paulo se destaca enquanto pólo industrial de repercussão nacional. Esta migração se intensifica a partir da década de 1940 com o crescimento da indústria que requer uma crescente quantidade de trabalhadores. O grande contingente populacional que se concentra na região Nordeste é marcado pela impossibilidade de sobrevivência no campo, cuja política, voltada para a concentração fundiária, favorece a agricultura de exportação e acaba por abandonar os pequenos agricultores que se dedicam às culturas de subsistência.

No que tange ao conceito de região, Francisco de Oliveira define que “uma região seria, em suma, o espaço onde se imbricam dialeticamente uma forma especial de reprodução do capital, e por conseguinte se fusionam e assumem uma forma especial de aparecer no produto social e nos pressupostos da reposição. [...] É possível reconhecer a existência de espaços econômicos-políticos-sociais onde, por exemplo, o capital comercial comanda as leis da reprodução sem no entanto penetrar propriamente na produção; tal região se diferenciaria de uma outra onde o capital penetrou no próprio sistema produtivo, onde seria capital industrial – em sentido lato, pois a agricultura capitalista também é uma indústria – o responsável pela reprodução do sistema; assim sucessivamente, as diversas formas de reprodução do capital conformariam ‘regiões’ distintas. [...] A especificidade de cada ‘região’ completa-se, pois, num quadro de referência que inclua outras ‘regiões’, com níveis distintos de

reprodução do capital e relações de produção; pelo menos quando se está em presença de uma ‘economia nacional’, que globalmente se reproduz sob os esquemas de reprodução ampliada do capital, é que o enfoque aqui adotado, de diferenças na *divisão regional do trabalho*, pode encontrar terreno propício para o entendimento das relações inter-regionais e abandonar a abordagem dos ‘desequilíbrios regionais’ por uma formulação que centre suas atenções nas contradições postas e repostas exatamente pelas formas diferenciadas de reprodução do capital e das relações de produção” (1977, p.29).

Achamos necessário fazer esta citação de Oliveira, pois ao longo do tempo sucederam-se várias “regiões” no Nordeste.<sup>8</sup> Este entende que a formação das regiões no Brasil está ligada ao processo mesmo de formação do Estado brasileiro, que se dá no final do século XIX. Até então, a região Nordeste, chamada de províncias do Norte, perdia sua base de investimento em força de trabalho - escravos - e paulatinamente o preço de seu principal produto que era o açúcar. Paralelamente, outro eixo econômico se desenvolvia no Sudeste com outro produto de exportação - o café -, com outra base social - o trabalho livre -, garantido por imigrantes europeus. Vale ressaltar, que a migração da mão-de-obra nordestina é estimulada nas primeiras décadas do século XX, para a região Sudeste, principalmente pelo desenvolvimento da industrialização e o conseqüente crescimento da cidade de São Paulo.

---

<sup>8</sup> “Reconhecia-se, no período da Colônia, ‘regiões’ dentro do que hoje é o Nordeste, com amplitudes muito mais restritas: sobretudo no que corresponde hoje aos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas, a ‘região’ era reconhecível como o *locus* da produção açucareira, enquanto que os espaços dos Estados que hoje correspondem ao Ceará e Piauí eram relativamente indiferenciados, desenvolvendo atividades econômicas de pouca expressão na economia colonial e quase nunca assimilados ao que se poderia chamar de ‘Nordeste’. O Maranhão era um caso a parte, pois ligou-se ao capitalismo mercantil através de formas diversas daquelas que regulavam a produção de riqueza dos espaços mais ao leste. Os Estados da Bahia e Sergipe, não eram considerados como Nordeste; embora ali, sobretudo na Bahia, predominasse também a atividade de produção do açúcar determinada, como nos estados mais ao norte, pelas suas relações com o capitalismo mercantil europeu (OLIVEIRA, 1977:33). Devemos estas referências a Francisco de Oliveira à leitura da Tese de Doutorado de Mirandulina Azevedo, *Migração e Memória: a experiência dos nordestinos* (2002).

Muitas foram (e infelizmente ainda permanecem sendo) as razões que levaram (e ainda levam) os habitantes dos estados da região Nordeste a migrarem para a região Sudeste, principalmente para a cidade de São Paulo:

Os motivos que impulsionaram o migrante a sair da terra de antes em busca de novas formas de viver, são decorrentes de inúmeros fatores, os adversos de expulsão e outros de atração, tais como: questões econômicas – miséria, fome, desemprego, latifúndio, exploração nas relações de trabalho, de terra para a economia de subsistência, estratégia camponesa para preservação do sítio, implantação da atividade pecuária; questões ambientais – variações climáticas (enchentes e secas), esgotamento dos solos; questões psicossociais – conflitos locais, frustrações, desavenças nas relações familiares, busca do imaginário urbano, vontade de viver outras experiências (BAPTISTA, 1998:106).

De acordo com a geógrafa Ely Souza Estrela em seu estudo sobre as comunidades do alto sertão da Bahia nas décadas de 1940-60 que migraram para São Paulo, podemos nos valer ainda hoje das diferentes razões que levaram e ainda levam ao que podemos chamar de “diáspora nordestina”. Nos reportamos a estes deslocamentos de nordestinos enquanto “diáspora” não no sentido comumente utilizado de migração provocada por perseguições políticas ou religiosas, mas com o objetivo de enfatizar a evasão de grande contingente populacional motivado por questões sócio-econômicas.

Estrela cita alguns pontos favoráveis à migração que se perpetuam, apontando, em contrapartida, os pontos desfavoráveis:

Pontos favoráveis: modernização, oportunidades, abundância de emprego, melhoria da qualidade de vida, escolaridade, integração, acesso aos bens materiais, dinheiro, ascensão social, lazer, conhecimento de outras coisas/de outras pessoas.

Pontos desfavoráveis: estranhamento, distância, impessoalidade, rigidez, hierarquia, isolamento, moradias precárias/amontoadas, trabalho pesado, ilusão, solidão, frieza (2003:225).

Esta pesquisa utilizou como recorte temporal o período que se iniciou na década de 1980 e se estende até o momento da realização final da pesquisa. Na década que se iniciou em 1980 passou a ocorrer uma diminuição da oferta de emprego, com conseqüente diminuição da capacidade de absorção da oferta de mão de obra, o que intensificou dificuldades para os migrantes na disputa pelo emprego. Segundo dados do Censo 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), até a década de 1980 a migração brasileira era marcada pela grande saída de nordestinos rumo ao Sudeste, fixando-se na região. Mas desde então, a migração não significa mais a possibilidade de ascensão social. Tanto mais que a migração geralmente está relacionada à baixa escolaridade.<sup>9</sup> Num quadro de desemprego crescente esta situação tem levado a que muitos migrantes retornem ao seu lugar de origem.

Antes o migrante que saía de sua terra e vinha para São Paulo, conseguia com relativa facilidade ser abarcado pelo mercado de trabalho. Com a crescente desindustrialização da cidade e migração da economia para o setor de serviços, mantendo-se ainda intenso o processo migratório, dá-se um crescimento da economia informal. Este processo, ao interferir no padrão de organização espacial da cidade, deteriorando-a, faz com que haja uma acentuação na rejeição ao nordestino, o qual é visto como personagem desestabilizador da ordem econômica e social da cidade. Estes são estigmatizados por acentuarem o desemprego e promoverem a violência.

Se nos dias atuais, a relação entre força de trabalho e reprodução do capital foi alterada, ou seja, o número de empregos diminuiu acentuadamente nas grandes metrópoles, ressaltamos que a migração ainda persiste de forma bastante acentuada.

Apesar do desemprego atingir diferentes segmentos da sociedade, os migrantes engrossam as fileiras dos não-incluídos no mercado de trabalho. “Na

---

<sup>9</sup> Segundo o referido censo do IBGE, do total de 5,196 milhões que migraram no Brasil entre 1995 e 2000, 66% não haviam completado o ensino fundamental.

nova pobreza, uma enorme massa suporta o peso, suporta a pirâmide, vive na ambiguidade 'satisfação-frustração', experimentando-o até o conflito" (LEFEBVRE, 1991:204).

O migrante nordestino em São Paulo, por sair do mundo rural para o urbano, passa também pelo processo de desterritorialização. Assim sendo, além de estar desenraizado do seu habitat, necessita passar pelo processo de re-inclusão e/ou territorialização, que se processa de forma perversa no urbano e na economia, sofrendo dupla agressão. É desarraigado das suas origens e não se integra facilmente ao urbano, devido ao mercado de trabalho que não está aberto a recebê-lo (BAPTISTA, 1998:268).

Segundo José de Souza Martins (1986), "o capitalismo no seu processo de expansão, arranca as pessoas da terra tornando-as apenas proprietárias da sua força de trabalho. Com a saída do migrante da origem, ele vai ser incluído na cidade de outro modo, por mecanismos precários de inclusão, onde o tempo para esta re-inclusão é longo. Antes o migrante desenraizado da sua terra vinha para a cidade e logo conseguia vender a sua força de trabalho".

Com a alta da taxa de desemprego em São Paulo nos dias de hoje, e com o mercado cada vez mais restrito, os que antes eram vistos como necessários para um projeto social e econômico de produção, passam a ser vistos como competidores por postos de trabalho cada vez mais disputados, e dada esta disputa, acentua-se a intolerância contra esta população migrante.

De acordo com o Jornal O Estado de São Paulo, com a falta de boas oportunidades nos grandes centros urbanos, a população migrante nordestina passa a levar a vida em um ir-e-voltar:

O pernambucano Iraires Soares da Silva, de 23 anos, chegou quarta-feira à noite, pela quarta vez. De bermuda, camiseta e sandálias, caminha pela rodoviária, velha conhecida. Do ônibus, vai direto para o orelhão telefonar para a pessoa que prometeu o serviço numa obra. Com ele, José Rodovaldo Gomes, de 21 anos,

marinheiro de primeira viagem, mãos geladas, agoniado. Além de São Paulo, Iraires já foi três vezes a Brasília. “Em minha terra, não tem serviço. Venho, ganho um dinheirinho e volto”. Quando a grana acaba, vem de novo (OESP).

O demógrafo José Marcos Pinto da Cunha, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e coordenador do Núcleo de Estudos de População (Nepo) da UNICAMP, na mesma matéria do referido jornal, conta que esse vaivém dos migrantes tem a ver com a mobilidade truncada - a dificuldade de ascensão social verificada desde meados dos anos 80 -, consequência de transformações econômicas sofridas em particular pela indústria, do crescimento dos serviços, da queda de absorção da mão-de-obra migrante.

Segundo Lídia Cardel, a noção de território circulatório denomina a subjetividade da mobilidade criada pelo ser migrante, demarcando sua identidade. A reprodução social deste território subjetivo depende não somente do trânsito cotidiano de pessoas, mercadorias e demais objetos pelo seu interior, mas fundamentalmente da memória individual e grupal que o elabora a todo momento (2003:166).

O indivíduo migrante nordestino é um eterno estranho na cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo que trabalha, mora e interage com a cidade se vê como fazendo parte de outro lugar que não o seu, pois ao negar a sua identidade original e compor elementos de uma outra identidade, nunca vai deixar de ser o outro, o “baiano”, visto em território diferente.

Achamos pertinente ressaltar que a questão da imigração/migração, é pauta de discussão no contexto da globalização. Assistimos frequentes perseguições de imigrantes nos EUA assim como na Europa, que vêm se acirrando há algum tempo. O então presidente da Frente Nacional Francesa, Jean-Marie Le Pen, foi categórico ao afirmar “Os estrangeiros que moram na França poluem a cultura nacional e são os responsáveis pelos grandes problemas do país” (PEC, 1997).

Em matéria recente publicada na Folha de São Paulo (22/10/05) em que foi noticiada a proposta da gestão do então prefeito José Serra (PSDB) de pagar passagem de ônibus para os moradores sem-teto das ruas Plínio Ramos e Mauá (região central), nos chamou atenção por considerarmos uma forma de alijamento da população nordestina de São Paulo para os seus lugares de origem. Segundo alguns moradores sem-teto ouvidos pela Folha, só o pagamento da passagem não é suficiente para começarem a vida na cidade de origem. No mesmo artigo, a professora de Arquitetura e Urbanismo da USP, Maria Lúcia Refinetti, afirma que dar passagens é uma maneira de a prefeitura não encarar o problema dos sem-teto. “Questão de habitação se trata com habitação”, afirmou.

Quando abordamos a questão do migrante na cidade de São Paulo, não podemos analisá-la de forma isolada, pois esta se insere num contexto mais amplo de desdobramento das relações sociais.

O migrante necessita do trabalho para firmar-se no urbano e garantir sua reprodução. Sem o vínculo formal com o trabalho e o recebimento de salário, não consegue viver com dignidade e nem adquire um espaço de cidadania na sociedade, pois é descredenciado para ser reconhecido, sendo visto discriminatoriamente (BAPTISTA, 1998:149).

Neste sentido, ressaltamos a importância das redes familiares e das relações de solidariedade estabelecidas entre os conterrâneos, que são de extrema importância para a construção da identidade do migrante. Os migrantes para se manterem, ainda que em posição de “marginais”, se utilizam da sua cultura estabelecendo uma rede de ajuda mútua e de relações como forma de resistência e permanência na sociedade. “As redes desenvolvidas pelos movimentos migratórios das pessoas para lá e para cá estão no cerne das micro-estruturas que sustentam a migração ao longo do tempo” (MARGOLIS, 1994:168).

Francisco de Oliveira faz uma análise histórica em relação à imigração/migração na Região Sudeste, apontando a preferência em se recuperar historicamente a importância da imigração, principalmente italiana na cidade de São Paulo, em detrimento da migração nordestina. Consideramos pertinente a longa citação:

Caminhando no tempo, as migrações dos nordestinos, inclusive dos baianos, reenviará de volta para o Nordeste um preconceito quase racial, no fundo de classe: os nordestinos que chegam a São Paulo e Rio, depois de 1920, começarão a ser identificados como “baianos”. Não é apenas a situação de classe, mas esta travestida numa diferença de etnias: em São Paulo e no Sul do Brasil, a herança da imigração estrangeira trabalha para criar o preconceito. Pelos idos de 1920, quando cessa a imigração estrangeira, estes já estão na segunda e terceira gerações: de trabalhadores, muitos já transitaram para uma situação de pequena-burguesia e alguns pertencem mesmo aos grandes grupos burgueses nacionais. Os que chegam depois, os nordestinos, serão condenados a permanecerem como operários, trabalhadores do campo, trabalhadores de serviços. (...) O conjunto de negatividade postas pela situação de trabalho passa a ser “atributo” dos baianos: o permanecer operário, a condição de imigrantes, a precariedade de inserção no mercado de trabalho, as constantes mudanças de um emprego para outro, determinadas pelo profundo movimento de transformação das estruturas produtivas no Centro-Sul, passam a ser tidos como componentes intrínsecos do “caráter” dos baianos (1987:109-110).

Muito bem pontuado por Oliveira, o preconceito contra o nordestino, generalizadamente chamado de “baiano”, está no cerne dos primórdios da migração nordestina e se perpetua até os dias de hoje.

Retomando a abordagem acima citada, Ely Souza Estrela reafirma que “desde as primeiras décadas do século XX, os indivíduos que chegavam ao Centro–Sul em levadas sucessivas de diferentes partes do Brasil eram chamados de ‘paus-de-araras’, ‘nortistas’, ‘cabeças chatas’ e ‘baianos’. Todas as denominações tinham e têm caráter depreciativo, revelando o nível de preconceito e discriminação que enfrentaram os primeiros nortistas/nordestinos que se estabeleceram no Centro-Sul. Conquanto as elites econômicas cobiçassem sua

força de trabalho, esses indivíduos eram (e ainda são) desprezados e humilhados” (2003:145).

Ademais, podemos constatar um total abandono em relação à recuperação da memória nordestina na cidade, quando nem mesmo existe um museu ou uma casa de cultura específicos da contribuição do nordestino para com a cidade, assim como uma falta de preocupação em apresentar a riqueza das suas manifestações culturais. Encontramos isoladamente alguns focos de resistência como já mencionamos anteriormente, todavia são espaços fragmentados criados por comunidades locais e que acabam por não apresentar na totalidade a importância desta população.

Analisando a cultura dos nordestinos em São Paulo, Weffort interroga sobre a sua contribuição cultural, considerando-os como representantes da cultura regional de maior alcance nacional do país para a formação da cultura popular de uma cidade como São Paulo.

O nordestino que chega a São Paulo, se portador de uma cultura regional de alcance nacional, chega a um mundo dotado de uma cultura regional extremamente pobre, praticamente um mundo culturalmente vazio onde o capitalismo predatório e selvagem destruiu a cultura regional tradicional e não foi capaz de criar nada no seu lugar. [...] Por que o refugiar-se na sua cultura deveria significar um empobrecimento? (WEFFORT,1998:22)

Touraine (1995) cita que “o reconhecimento das identidades e diferenças culturais é o único meio de evitar a ação violenta daqueles que se sentem despojados de sua identidade cultural ao ingressarem na sociedade de massas – uma sociedade que os atrai pelo consumo, mas lhes nega o trabalho imprescindível para uma verdadeira inserção comunitária”.

Em sua tese sobre a solidão na cidade de São Paulo, Almeida observou que:

As formas de enfrentamento são centradas no indivíduo tornando-os fechados em si mesmos. A migração como uma possibilidade

de quebra de fronteiras que favoreceria o encontro com a diferença, o contato com múltiplas diversidades ao invés de facilitar a abertura dos migrantes, torna-os mais fechados, encapsulados em suas identidades (2003:140).

Durham destaca a importância da família para o migrante, observando que “a migração e o projeto de ascensão social que a motiva são, portanto, empreendimentos familiares. Por isso que a família se mantém, e talvez mesmo se fortaleça nas condições urbanas de vida, apesar dos conflitos internos que são gerados pela transformação da atividade econômica dos seus componentes” (1973:210).

## **1.2 A migração nordestina na pesquisa acadêmica**

Neste item faremos uma breve revisão bibliográfica de textos que tratam da temática da região Nordeste, bem como diferentes visões sobre a permanência do nordestino na cidade de São Paulo, cujas abordagens estão voltadas principalmente para a questão da identidade, das “manchas” ou “pedaços” que demarcam a cultura nordestina, assim como as suas redes de sociabilidade.

Um trabalho dedicado a compreender e polemizar contra a idéia de Nordeste é *O engenho anti-moderno: a invenção do nordeste e outras artes*, 1994, tese de doutorado em História defendida na UNICAMP por Durval Muniz de Albuquerque Jr., ganhadora do Concurso Nelson Chaves de Teses sobre o Norte e o Nordeste brasileiro promovido pela Fundação Joaquim Nabuco e publicada com o título de *A invenção do nordeste e outras artes*. (1999) Nesse trabalho o autor defende a tese de que o Nordeste é uma invenção realizada em um determinado momento histórico, final da primeira década e segunda década do século XX, levada a cabo através de elaborações sociológicas, literárias e imagéticas, como produto do entrecruzamento de práticas e discursos “regionalistas”, por pessoas como Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz e Cícero Dias. Na concepção do autor, teve grande peso na formação dessa idéia de Nordeste os temas do combate à seca, do enfrentamento ao

cangaço e ao messianismo e os interesses políticos das elites para aquisição e manutenção de privilégios. Entre os anos 20 e 60, esta idéia teria sofrido uma séria de reelaborações feitas por autores e artistas ligados ao discurso de esquerda, em obras de pessoas como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Portinari e João Cabral de Melo Neto, bem como na filmografia, na música popular através de Luiz Gonzaga e no teatro com Ariano Suassuna. O autor ressalta que o discurso sobre o Nordeste está sempre em relação a um discurso sobre o seu “outro” e feito pelo seu “outro”, o Sul. O Nordeste seria assim uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. Durval Muniz considera que é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que até hoje ela dificulta a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço. Ao prefaciar *A invenção do Nordeste*, Margareth Rago menciona que

Até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem criticados como uma gente de baixa estatura, diferente e mal adaptada. Aliás, não existiam. As elites locais não solicitavam, em nome dele, verbas ao Governo Federal para resolver o problema de falta de chuvas, da gente e do gado que morriam de fome e de sede, como registra Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, livro que se tornou filme famoso. Ademais, o problema mal era enunciado; era apenas vivido. Sem grande visi/dizibilidade (p.13).

Esta concepção polemiza com posições que situam a gênese do Nordeste enquanto região com unidade cultural e artística - além de econômica e geopolítica - num período anterior, compartilhando tradição, memória e história. Segundo Albuquerque Jr., Gilberto Freyre faz “recuar até o período colonial a consciência regional, a própria existência do Nordeste e, ao mesmo tempo, coloca-a como um dos fatores de formação da própria consciência nacional”. A região tem assim, para Freyre, nascido antes da nação (p.75).

Durval Muniz trabalha com o conceito de região como espacialização ligada diretamente às relações de poder e não como uma divisão natural do espaço ou mesmo como surgida a partir de um recorte econômico ou de

produção. Ele se propõe, assim, a desnaturalizar a região, a problematizar sua invenção, a buscar sua historicidade no campo das práticas e discursos. O autor procura desconstruir conceitos como cultura, civilização, nação, região e identidade. Se de fato conceitos são discutíveis, devem ser historicizados, e é importante problematizar a formação das identidades, consideramos questionáveis algumas concepções metodológicas apresentadas pelo autor:

O trabalho também não se prende a um dado sistema de pensamento, nem busca a coerência absoluta entre suas partes. A história é incoerência, lança mão de fragmentos de discurso, porque, longe de querer afirmar identidades discursivas, ela quer destruí-las. Não queremos construir sistemas discursivos, mas despedaçá-los, ordenando-os de outra forma (1999:31).

Está fora dos limites deste trabalho discutir a questão da formação histórica do Nordeste enquanto região com existência real ou circunscrita ao plano das representações “imagético-discursivas”. Nosso foco está nas questões de formação da identidade dos migrantes nordestinos na cidade de São Paulo e como ela é afetada pela imagem que deles fazem os paulistanos. Parece-nos, entretanto, que o autor, ao concentrar sua análise exclusivamente no processo de formação do Nordeste enquanto representação no imaginário dos brasileiros, abdica de investigar a possibilidade de existência de processos reais na estrutura da sociedade que concorressem na constituição desta região. Segundo Roger Chartier, “as lutas de representação tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio” (1990:17). Ou seja, invertendo a frase, para Chartier, as questões econômicas têm tanta importância quanto às de representação, importância essa que é desconsiderada por Albuquerque Jr.. Se por um lado é preciso considerar a crítica que faz Albuquerque Jr. a concepções que concentram sua análise excessivamente nas questões de reprodução do capital e nas relações de produção, por outro, o autor vai para um pólo oposto, não apresentando nenhuma

explicação histórica para as diferenças regionais de fato existentes no que diz respeito ao desenvolvimento econômico, diferenças estas que se encontram na raiz dos processos migratórios.

Concordamos com Albuquerque Jr. quando ele diz existirem diferentes formas de ser nordestino e que algumas não sofrem nenhum processo de discriminação (1999:316). Por exemplo, alguém que tenha vindo para São Paulo cursar uma pós-graduação com bolsa de estudos numa renomada instituição, certamente tem uma relação com o espaço urbano bastante distinto do migrante “clássico”, a imensa maioria, que é a base do nosso estudo.

Apresentando a inexistência do Nordeste até recentemente no cenário nacional, Albuquerque Jr. recorre à narração de Paulo Moraes Barros em *Impressões do Nordeste*: “O Nordeste brasileiro só foi divulgado com tal designação após a última calamidade que assolou em 1919, determinando a fase decisiva das grandes obras contra as secas. [...] quando levas de esqueléticos retirantes vieram curtir saudades infindas na operosidade do generoso seio sulino, quem sabe se ainda em dúvida, entre a miséria de lá e a abundância daqui”.

Através da citação acima, assim como outras ressaltadas na *Invenção do Nordeste*, por exemplo, Oliveira Vianna e Dionísio Cerqueira que viam no nordestino uma raça degenerada física e intelectualmente, consideravam “a miséria uma consequência do encontro entre um habitat desfavorável e uma raça, fruto do cruzamento de indivíduos de raças extremas e da submestiçagem”, atribuindo-os ao maior eugenismo da raça “paulista”, à sua superioridade como meio e como povo, a ascendência econômica e política no seio da nação (1999:43-44).

Diante desta leitura, podemos destacar quão carregado de inferioridade era relatado o Nordeste e os nordestinos.

O autor destaca *Os Sertões* de Euclides da Cunha, como um marco, na medida em que este prenuncia os elementos com que os quais vai ser pensado o

problema de nossa identidade nacional. É através de Euclides que dar-se-á a formulação dos opostos que perpassa os discursos sobre nossa nacionalidade, ou seja, o paulista *versus* o sertanejo. Para o próprio Euclides, assim como para Monteiro Lobato (e para Mário de Andrade, que ao contrário destes, pensava no folclore para pensar a nacionalidade), a civilização devia, no entanto, ser levada ao sertão, resgatando essa cultura e essas populações que aí viviam (1999: 53-54).

Através dos discursos dos autores acima citados, bem como de outros intelectuais, que desde a década de 1920, também defendiam a idéia de que o nordestino não era civilizado e não tinha cultura, observamos a carga degenerativa e preconceituosa construída sobre o indivíduo que habitava a região Nordeste, principalmente o sertanejo, que este carregará por muito tempo como um homem inepto, grosseiro, que aproxima-se de uma sub-raça brasileira e que às vezes é visto como uma categoria humana que está longe de ser a do civilizado, do homem pensante.

No decorrer da leitura desta obra, destacamos citações de intelectuais que de forma discriminatória excluem a importância do sertanejo para referenciar o Brasil.

Segundo o autor, a diferenciação progressiva entre o Norte e o Sul do país já era tema de diferentes discursos, desde o final do século XIX. Nina Rodrigues, por exemplo, já chamava a atenção para o perigo constante de dilaceramento da nacionalidade entre uma civilização de brancos no Sul e a predominância mestiça e negra no Norte, bem como Oliveira Vianna que se preocupava com o fato de que esta divisão “racial, psicológica e moral” se refletisse na organização política do país, tornando-a caótica, regionalista, oligárquica, o que somada às pressões vindas do exterior, inibiria a formação de um espírito nacional e de um Estado verdadeiramente nacional (1999:57).

Chegamos à conclusão de que desde o “início” o que passou-se a chamar Nordeste foi visto como um “espaço” regional, histórico, geográfico, político e cultural que sempre esteve em movimento como qualquer outro no país, mas que em determinados momentos foi interpretado, ora ressaltando-o como o lugar do “homem forte, destemido”, ora colocando este indivíduo como um ser cujo grau de civilidade muito o distingue do povo do Sul.

Ainda referindo-se ao início da década de 1920, Albuquerque Jr. menciona que os termos Norte e Nordeste ainda são usados como sinônimos, mostrando ser esse um momento de transição, em que a própria idéia de Nordeste não havia ainda se institucionalizado, cristalizado-se (p.68). No entanto, a referência desta fusão Norte/Nordeste mantém-se no inconsciente inclusive de muitos nordestinos, pois no decorrer da nossa pesquisa, muitos dos entrevistados se referiam aos nordestinos, ou seja, a eles próprios, como nortistas. Outro exemplo é o fato de que as casas de culinária nordestina em São Paulo até hoje são chamadas de “Casa do Norte”.

Para Albuquerque Jr., “a superação da visão provinciana de espaço a que estavam presas as oligarquias dos Estados do Norte é a grande tarefa política e cultural colocada pela necessidade de institucionalização do Nordeste. [...] O Sul é o espaço-obstáculo, o espaço-outro contra o que se pensa a identidade do Nordeste. O Nordeste nasce do reconhecimento de uma derrota, é fruto do fechamento imagético-discursivo de um espaço subalterno na rede de poderes, por aqueles que já não podem aspirar ao domínio do espaço nacional” (p.69).

Em relação a esta abordagem, julgamos salutar destacar uma discussão presente nos dias de hoje por alguns segmentos dos estados do Sul, que defendem a criação de um estado único que abranja apenas a região Sul separado do resto do país.

Como o objetivo deste trabalho não é fazer um amplo levantamento da “gestação” da região Nordeste, não aprofundamos todas as abordagens feitas

pelo autor. Destacamos as suas peculiaridades mais singulares e apresentamos apenas um panorama geral deste espaço geográfico tão controversamente versado por alguns intelectuais brasileiros.

Dulce Baptista em sua tese de doutorado em Ciências Sociais defendida na PUC/SP, *Nas Terras do “Deus Dará”*: *nordestinos e suas redes sociais em São Paulo*, 1998, analisa as ‘redes sociais’ do migrante nordestino na Favela Jardim Colombo e em seu entorno, atentando para as relações de solidariedade como tática de resistência e sobrevivência. A autora menciona o fato de que o nordestino sai da sua terra de origem mas trás consigo a sua cultura a ser construída na cidade. Mais do que simplesmente viver e sobreviver em São Paulo, este reinventa cotidianamente a tradição e, com ela, a cidade. Os nordestinos em São Paulo convivem com a segregação, discriminação e o estigma, sendo abordados como estando sempre em condição de inferioridade. Na hierarquia simbólica são considerados inferiores, sendo depositários de preconceito generalizado, pelo fato de serem favelados, nordestinos e pobres (p.28-29).

Os depoimentos colhidos por Baptista na Favela Jardim Colombo nos mostram as redes sociais construídas pelos migrantes que ao se instalarem neste espaço foram trazendo os seus amigos, familiares, compadres, todos do local de origem, no sentido de viabilizar a migração e ser o apoio necessário à chegada, mesmo com poucas condições de abrigar e oferecer trabalho em São Paulo. Estas redes, ainda hoje, como constatamos na nossa pesquisa, continuam a ser um forte sustentáculo que abre possibilidades para que os que ficaram possam continuar a vir para São Paulo.

O migrante, através de notícias que circulam de boca em boca, pelo rádio, televisão e cartas dos parentes que migraram, idealiza a cidade de São Paulo, ainda que inconscientemente saiba que viverá de forma marginalizada.

Segundo Castoriadis, o simbólico comporta, quase sempre, um componente 'racional real': o que representa o real ou o que é indispensável para o pensar e o agir. Mas este componente é tecido inextricavelmente com o componente imaginário efetivo (1982:155).

De acordo com Dulce Baptista, "a vida do trabalho do migrante é a expressão da violência que sofre no centro urbano. O migrante passa de camponês a proletário. Percebe-se que a migração leva à transformação da 'rede de relações' que tornava para si o espaço significativo e, essas mudanças radicais nos modos de vida em relação ao trabalho, vão refletir sobre a sua identidade. A migração significa quebra de vínculos, sejam eles familiares, grupais, culturais, sociais e econômicos. Todavia, a migração se impõe para o migrante como uma alternativa viável diante das dificuldades que enfrenta. Apesar do corte com os seus vínculos de origem, o migrante resiste e procura manter preservados os seus valores" (1998:171).

É relevante mencionar que os migrantes nordestinos em São Paulo esforçam-se por reproduzirem a sua cultura de origem. Este dado é constatado na cidade através da presença de costumes e valores nordestinos na vida cotidiana dos migrantes. As relações de compadrio, reciprocidade, vínculos com a origem são preservadas, assim como o consumo de determinados tipos de alimentos, da literatura (cordel, cantoria). O migrante busca o vínculo com as suas raízes através da música, da culinária e outros elementos de sua cultura. Os seus costumes entrelaçam-se no urbano criando áreas da cidade com concentração de nordestinos, lojas com produtos típicos, salões de baile e/ou espaços de vivência cultural nordestina. O CTN (Centro de Tradições Nordestinas) no bairro do Limão, a casa de shows Patativa na zona sul da cidade e o Clube da Cidade na Barra Funda, são alguns desses espaços tipicamente nordestinos, de sociabilidade e lazer que contam com a maciça participação dos conterrâneos.

Baptista menciona que “a família funciona como um conjunto genético, social, econômico e cultural em atuação, importância crucial para a construção da identidade do migrante e como forma de resistência à pobreza. [...] Para o nordestino, a família é o espaço por excelência do afeto, do carinho, do refúgio, da solidariedade, do calor humano, da proteção e da dureza do mundo.” (1998:195-199). Eunice Durham também destaca a importância da família para o migrante: “A migração e o projeto de ascensão social que a motiva são, portanto, empreendimentos familiares. Por isso que a família se mantém, e talvez mesmo se fortaleça da atividade econômica dos seus componentes” (1973:210).

Uma das formas de manutenção da identidade do nordestino é a festa de São João. Selecionamos citações que apontam para a mesma direção, em relação à dimensão da festa de São João. Dulce Baptista diz que “como o desemprego sempre ronda a sua porta, não lhes assusta perder o trabalho, e o migrante não pensa duas vezes entre a alternativa de sair do emprego ou abdicar de participar de um importante festejo” (1998:233).

No artigo intitulado *O Retorno para a Festa* (Menezes *et al*, 1990) encontramos a mesma percepção acerca das relações dos migrantes nordestinos com as festas juninas:

O fato de o mês de junho representar um ‘tempo de fatura e de festa’ está ligado ao ciclo agrícola das regiões de origem dos migrantes. O calendário anual das cidades da Região Sudeste, entretanto, não contempla as especificidades culturais e religiosas dos trabalhadores. Os migrantes para poderem sair de férias e vir em sua terra natal em período de festa, que muitas vezes não coincidem com os do patrão, utilizam-se de diversas estratégias, apelando, até para o pedido de demissão.

Os depoimentos são ilustrativos neste sentido:

“Meu patrão me autorizou a passar vinte dias, mas só que eu não vou obedecer, eu quero passar mais de um mês” (empregada doméstica, 45 anos).

“Uma amiga minha de Alagoas pediu quinze dias para o patrão, mas ele só queria dar seis dias. Daí ela pediu as contas. Eles comentam que a gente não quer trabalhar, só quer saber de festa. Eles não entendem que a gente quer ver os amigos, vir para o

São João. Por eles, não davam folga de jeito nenhum” (operária, 30 anos).

“Ao tomar tais atitudes os migrantes expressam que, apesar de submetidos a relações opressoras de trabalho e à vida agressiva da cidade, ainda conseguem garantir uma certa liberdade de decisão sobre sua vida. Desta forma, mostram que a vida tem uma dimensão mais ampla e profunda do que meramente a do trabalho. [...] Nesta perspectiva que podemos entender porque diante do impasse entre a manutenção do emprego e a vinda para a festa, esta pode assumir maior relevância. É esta, talvez, a possibilidade de resguardar a sua identidade, a sua liberdade” (p.10).

Vale mencionar que em nossa pesquisa frequentemente ouvimos parte dos entrevistados se referirem à Festa de São João de forma saudosa e como um acontecimento presente em suas vidas, e se pudessem, iriam passá-la nos seus lugares de origem. E os que não podem ir (principalmente das regiões periféricas da cidade de São Paulo) tentam reproduzir o mais fielmente possível as suas peculiaridades, enfeitando o local como se fosse uma festa que é marcadamente nordestina: as quermesses, os jogos ingênuos, o parque de diversão e as comidas típicas da região são as maiores atrações, bem como o clima da música voltada para a quadrilha que envolve de forma bucólica os participantes.

Segundo Margolis em “*Little Brasil: imigrantes brasileiros em Nova York,*” encontramos similaridade de situação em relação aos migrantes nordestinos em São Paulo. “As redes desenvolvidas pelos movimentos migratórios das pessoas para lá e para cá estão no cerne das micro-estruturas que sustentam a migração ao longo do tempo” (1994:168). Podemos nos referir através desta observação, a busca da manutenção das redes sociais com seus familiares e conterrâneos, ambos (imigrantes/migrantes), desenvolvem quando imigram/migram, como forma de permanência no lugar que se estabelecem.

Ainda segundo Baptista, achamos pertinente citá-la quando esta atenta-nos para o fato de que “São Paulo é o ponto de atração da saga nordestina. Saem e não encontram nessa sonhada cidade a integração ao mundo do trabalho. Assim, São Paulo corresponde a um mito, uma ilusão do migrante.

Alguns migrantes constatarem que a migração é uma ilusão. A ilusão de que havia emprego para todos, riqueza fácil, que poderiam ganhar muito dinheiro para ajudar os parentes e até comprar uma terra. A ilusão, o imaginário, o subjetivo, o desejo são fundamentais para entender e explicar a trajetória dos migrantes. O homem necessita subjetivamente ter uma ilusão, uma utopia. A apropriação do migrante do seu desejo acha-se suspensa na transição entre a ação prática e o imaginário” (1998:297-298).

Outro trabalho que referencia a questão da identidade e das redes de sociabilidade do nordestino em São Paulo é a dissertação de mestrado em Antropologia “*Sertanejos Contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*”, de Rosani Cristina Rigamonte, defendida na FFLCH-USP em 1997, pois esta faz um estudo bastante minucioso de duas “manchas” de nordestinos na cidade - o CTN (Centro de Tradições Nordestinas) localizado no Bairro do Limão e a Praça Sílvio Romero no Tatuapé - e de como vivem os habitantes de Piripá, pequena cidade do sertão da Bahia. Não mencionaremos este terceiro objeto do trabalho realizado pela autora, pois nossa pesquisa está voltada mais especificamente para o nordestino que vive na cidade de São Paulo.

A autora aborda em sua obra as formas de estratégias de sociabilidade e de trabalho, as transformações na cultura de origem e as formas de lazer da população nordestina em São Paulo, buscando verificar o que representa o nordestino na cidade de São Paulo e o que a cidade representa para ele.

Rigamonte ressalta que São Paulo é a maior cidade nordestina do país bem como o grande contingente migratório originário do Nordeste que vive na cidade e dela participa como mão-de-obra no processo de desenvolvimento urbano e industrial trazendo sua cultura típica daquelas regiões, bem como os surtos de preconceito contra os “baianos”. É interessante observarmos aqui que a autora também menciona o preconceito sentido por esta população na cidade, embora esta não se aprofunde nesta questão, pois este recorte não consta do seu

trabalho. Sua pesquisa teve como propósito entrar em contato com as práticas sociais e o modo de vida desta população no contexto apresentado. “No seu bairro, no seu pedaço, os indivíduos encontram e reconhecem os seus laços, constroem e reafirmam sua identidade. É importante ressaltar que nos momentos de lazer - entendemos por lazer o conjunto de atividades desenvolvidas durante o tempo livre, ou do “não trabalho” - os indivíduos, mais do que um simples descanso e divertimento, estão em contato com as suas origens, os seus referenciais” (1997:11).

Como mencionamos, os locais de práticas de lazer eleitos pela autora foram o CTN e a Praça Sílvia Romero. Esta estabeleceu uma contraposição entre um Centro de Lazer e uma praça, pois embora ambos os espaços sejam centros de entretenimento há formas de percepções diferenciadas.

O CTN, espaço que existe há mais de duas décadas busca recriar um clima interiorano, com barracas cujas mesas e cadeiras estão dispostas ao ar livre e onde são servidas comidas típicas da região Nordeste. No CTN a autora aplicou 130 questionários com o intuito de perceber como neste centro de lazer aglutinador de aproximadamente duas mil pessoas que por ali passam nos finais de semana e feriados, se dá a interação destes conterrâneos. Segundo Rigamonte, o questionário foi essencial como instrumento de pesquisa, à medida que diante do grande número de pessoas que por ali circulam tornaria inviável manter um relacionamento constante com o mesmo grupo. No que tange à Praça Sílvia Romero, a aplicabilidade do questionário foi dada de outra forma, pois ali o enfoque foi outro, pelo fato das pessoas se sentirem intimidadas ao serem abordadas. O ponto forte desta praça girava em torno de caminhoneiros que faziam entregas principalmente para a cidade de Piripá na Bahia e, como narra Rigamonte, pelo fato das pessoas não a conhecerem, havia uma certa desconfiança: “esta rede funcionava de maneira informal e os caminhoneiros (proprietários de seus caminhões e donos do seu próprio negócio) não estavam

agregados nem vinculados a nenhum tipo de instituição formal, tais como transportadoras ou empresas de viagens” (p.22).

A autora ressalta que passou a freqüentar a praça assiduamente com o objetivo de se aproximar destes caminhoneiros fazendo com que estes obtivessem sua confiança. Depois de algum tempo esta tornou-se amiga de um dos caminhoneiros que a convidou para conhecer a sua cidade natal, Piripá. A partir da primeira viagem ao sertão, o trabalho na Praça acabou sendo facilitado. O cruzamento entre as idas à Piripá facilitou muito o acesso aos caminhoneiros que trabalhavam na Praça e muitos deles se dispuseram a contar as suas histórias. Depois de adquirir confiabilidade do grupo, a autora menciona ter podido então participar ativamente da Festa de São João, em Piripá.

Diferentemente da Praça, que houve alguns momentos de tensão e resistência para com a pesquisadora, no CTN, esta diz ter sido recebida como se fosse “do pedaço”.

Rigamonte menciona as marcas da cultura nordestina espalhadas por vários locais da cidade de São Paulo e considera estes, verdadeiras “manchas” no espaço urbano, conforme a acepção de Magnani:

Existe uma outra forma de apropriação do espaço quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de freqüentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências. São manchas, área contígua dos espaços urbanos dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou completando – uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc. Os quais, sejam por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades (1994:16).

Por tratar-se de um lugar de lazer de grande destaque, frequentado principalmente pela população nordestina, estivemos algumas vezes no CTN

onde podemos constatar as tradições da cultura nordestina através da culinária e dos grupos musicais que ali se apresentam, fazendo com que esta população se sinta num pedaço de seu “território” que foi transposto para a grande metrópole. O fato de não ter explorado através de entrevistas este espaço tão rico e diversificado enquanto marco de um “pedaço do nordeste” em São Paulo, se deu em razão da existência deste trabalho efetuado por Rigamonte. Esta pesquisadora forneceu dados qualitativos importantes para o conhecimento deste agrupamento de nordestinos. Por exemplo, foram realizadas 114 entrevistas com o intuito de obter informações sobre o processo migratório desta população e a ampliação do conhecimento sobre as redes de comunicação e sociabilidade por estas formadas, que apresentam um panorama identitário de uma parcela da população nordestina na cidade.

A maioria das pessoas por ela entrevistadas chegou ao CTN por meio de indicações de amigos e parentes, o que demonstra como a rede de comunicação existente entre esta população funciona de forma eficiente. As informações que circulam vão dos locais de moradia e trabalho às formas de locomoção pela cidade e até mesmo locais de divertimento. Ao descrever a dinâmica que rege o CTN e seus frequentadores, foi possível entrar em contato com uma realidade bastante peculiar: a presença na metrópole de um forró popular reelaborado no novo contexto urbano.

Embora as observações acima descritas, datem de uma década, aproximadamente, podemos nos dias de hoje constatar que desde então, o forró genuinamente chamado de “pé de serra” vem sofrendo transformações com equipamentos sofisticados que inclusive o descaracteriza na sua formação original. No entanto, a modernização deste ritmo musical, não impede que ele seja um elemento de aproximação e aglutinação desta população nordestina. Assim como no CTN, estivemos algumas vezes no Clube da Cidade (Barra Funda), onde podemos ver grupos de forró, eletronicamente muito bem

equipados, assim como o vestuário dos músicos e dançarinos que em nada assemelha-se à produção das raízes culturais de suas origens. Vemos aí, uma dinâmica que se estabelece entre as “tradições” da cultura popular e as “modernidades” que a sociedade urbano-industrial produz.

Estes migrantes ressignificam seus referenciais de origem adaptando-se aos modismos das grandes cidades. Cabe-nos pontuar que estas transformações não são uma perda da identidade, mas sim uma das formas de manterem-se inseridos num contexto que os façam reviver as suas manifestações culturais e as suas redes de relações.

Um dado obtido pela pesquisadora através dos questionários realizados no CTN foi o da indignação por parte de muitos entrevistados no que diz ao termo “baiano”. Assim como em nossa pesquisa, esta expressão pejorativa e preconceituosa é frequentemente referida ao migrante nordestino, principalmente aos de baixa renda e aos que possuem um baixo grau de qualificação profissional.

Em síntese, o trabalho de Rigamonte valeu-se essencialmente de uma pesquisa etnográfica, destacando as práticas de lazer, tradição e formas de sociabilidade de um contingente da população nordestina inserido na cidade de São Paulo. Ao analisar estas manifestações culturais através do CTN, da Praça Sílvio Romero e do forró no sertão em Piripá na Bahia, foi possível perceber a intensidade do diálogo que se estabelece entre as “tradições” da cultura popular e as “modernidades” que a sociedade urbano-industrial produz. Ao participarem deste movimento, estes migrantes ressignificam seus referenciais de origem e passam a incorporar as manifestações culturais da cidade grande. De acordo com a proposta deste trabalho, a autora destaca que o campo e a cidade hoje vivem uma troca e um intercâmbio e que ambos sofrem várias transformações segundo um processo de urbanização e industrialização que se deu no país. Esses pólos,

longe de serem dicotômicos, comunicam-se e buscam a reintegração destas manifestações.

Em sua recente tese de doutorado em Antropologia, *Migração, Liminaridade e Memória: um estudo sobre o choque entre imaginários e (re)construção de identidades*, apresentada na USP em 2003, Lídia Maria P. S. Cardel discute o processo de migração através de sua representação simbólica elaborada pelos migrantes do Brejo de Olhos d'Água (noroeste do Estado da Bahia) que vivem em São Paulo e os que lá ficaram, através de uma pesquisa etnográfica realizada no lugar de origem destes migrantes e nos bairros de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo, espaço de acolhida da maioria que aqui chegou. Busca observar como o indivíduo vivencia a experiência do seu deslocamento do espaço social e familiar - elemento referencial da sua construção identitária - para um outro, desconhecido e distante.

A autora ressalta que existe uma heterogeneidade entre os migrantes de Olhos d'Água, pois alguns migram temporariamente, outros para nunca mais retornarem; alguns migram sempre e constroem caminhos de idas e voltas, outros passam longos anos longe da comunidade e depois a ela retornam efetivamente.

Para Cardel, ser migrante é estar ocupando espaços diferenciados e, sobretudo, estar quase sempre em um processo de extensa liminaridade. Apesar das estratégias de migração envolverem muitas vezes uma ampla rede de parentes (reais e espirituais) e de amigos e conhecidos, sair de um cotidiano familiar é um momento único na saga individual de qualquer ser humano. É um momento de tensão entre o indivíduo e o todo social que o circunda (p.5).

A questão do processo migratório é tratada como um momento ímpar de tensão entre o indivíduo e o todo social que o cerca. Mesmo sendo a expressão de movimentos sociais, este processo estabelece para o indivíduo uma intensa e extensa vivência liminar de desconstrução e reconstrução identitária: o migrante,

enquanto um ser construído pela mobilidade convive de forma ampla com os espaços objetivos e subjetivos que o reificam enquanto um ser de mobilidade. A migração, por ser um processo de transposição do indivíduo através de ambientes sócio-culturais distintos, é uma das realidades mais ambíguas dentre os fatores que compõem o cotidiano das metrópoles.

Ressaltamos que os migrantes de Olhos d'Água não se diferenciam dos demais migrantes nordestinos do perfil de "migrante-padrão". Significa dizer que estes têm baixa escolaridade ou quase nenhuma, não detém o domínio razoável da língua portuguesa, não dominam outras linguagens existentes nas metrópoles e resta a estes buscarem moradia nas periferias e favelas, distanciados, portanto, de uma concepção plena de cidadania. É interessante notar que os dilemas vivenciados pelos migrantes são bastante semelhantes, pois a maioria, por não possuírem um domínio da complexidade de um grande centro urbano, acabam sofrendo adversidades e conseqüentemente pouca ajuda podem oferecer aos seus conterrâneos.

Por ser um acontecimento de movimento e transição, o processo migratório deve ser analisado à luz, segundo Geertz, "das experiências dos indivíduos e dos grupos de indivíduos, na medida em que, sob a direção dos símbolos eles percebem, sentem, raciocinam, julgam e agem" (1978:271-272).

Cardel observa que "o interesse das Ciências Sociais em geral está direcionado em buscar quem é o sujeito do projeto individual e quais os papéis sociais que a ele se ajustam. Por certo, o projeto não é um planejamento puramente único e subjetivo. A sociedade tenta circunscrevê-lo em paradigmas históricos e culturais, mas nem sempre isto é possível. Neste momento ímpar, surgem os momentos e os espaços de liminaridade, os buracos negros onde são relegados todas as coisas que não se encaixam nestes paradigmas. [...] No caso do processo migratório, as situações transacionais e liminares, por serem inerentes ao próprio processo, podem, muitas vezes, não estabelecer relações

causais entre mudança individual e mudança social num curto espaço temporal. O impacto da mudança pode ser tão avassalador para o indivíduo, que o faz afastar-se da sociedade em vez de estimulá-lo a tentar mudar as estruturas à sua volta” (2003:17-18).

Sendo a identidade uma das questões que nos propusemos a discutir neste trabalho, julgamos importante ressaltar a observação feita por Cardel quando esta menciona o fato de que “a migração vista pela ótica do indivíduo, é uma mudança de tal magnitude que não somente põe em evidência, mas também em risco, a própria noção de identidade. A falta (no sentido psicanalítico) é vivida de forma intermitente e a perda de objetos é massiva, incluindo os mais significativos e amados como as pessoas, as coisas, os lugares, o idioma e as variadas formas de falar a mesma língua, os costumes, o clima, as formas de trabalho, a religiosidade etc. Enfim, o ego perde parte importante do seu referencial e vê com sofrimento a falta de vínculos com os novos objetos do lugar de acolhida. Neste período liminar, o indivíduo está sem os seus espelhos” (p.20).

De acordo com Cardel, podemos dizer que a migração é uma situação ímpar na perspectiva dos aspectos sócio-culturais quanto individuais. Para o indivíduo ela implica várias trocas da realidade interna, com as conseqüentes repercussões na sua realidade externa. Todas estas transformações repercutem no projeto traçado pelo grupo e pelo indivíduo com relação às estratégias de deslocamento. Esta menciona que através da coleta e das análises dos discursos individuais, estas variações e transformações situacionais poderão ser compreendidas. É necessário a união metodológica de uma análise micro-sociológica com o trabalho de campo para acompanhar a dinâmica das relações infra-estruturais com as supra-estruturais. A autora diz que a dialética indivíduo e sociedade é analisada a partir da observação da prática do processo migratório, pois o deslocamento do indivíduo pelos espaços reais e imaginários é o objeto fundamental da mudança estrutural. Os processos de regressão e dissociação

individual devem ser analisados como elementos de contraponto às alterações estruturais do meio social (p.21).

Lídia Cardel trabalha com o conceito de liminaridade e de indivíduo liminar conforme definido por Victor Turner. A autora estabelece como hipótese em sua pesquisa que o ser migrante é sempre liminar. O indivíduo migrante não adquire uma posição no *status quo*, permanecendo em um estado de identidade indefinida flutuante. A migração não é um ritual de passagem, mas um mecanismo de transformação constante, tanto para a sociedade como para o indivíduo. A visão do migrante enquanto um *outsider* só é revelada por ele mesmo, e de forma mais vibrante, enquanto ele ainda estiver inserido no território circulatório. Assim, faz-se necessário acompanharmos o indivíduo adentrando nas suas particularidades e especificidades em estado de mobilidade e liminaridade.

Em sua tese de doutorado em Geografia intitulada *Migração e Memória: a experiência dos nordestinos*, defendida na FFLCH-USP em 2002, Mirandulina Maria Moreira Azevedo prioriza a noção de memória em nível individual, coletivo e social estabelecendo uma relação entre migração e memória, pois para a autora a memória está aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Em linhas gerais, o recorte desta pesquisa está voltado para uma problemática constituída por questões já abordadas em outros trabalhos como a estrutura fundiária concentrada, as secas periódicas, o colapso regional, a integração do mercado nacional, a pressão da modernização, mas também se volta para a questão atual da migração, verificando de que forma, este tema confirma ou não tais interpretações e principalmente se estes grupos que migraram nos últimos tempos apresentam novas questões relacionadas à construção de uma memória social da migração.

A autora se utiliza de um diversificado espectro de fontes como documentos de investigação através da teia de relações entre fatos históricos,

circunstâncias, discursos, permanências, chavões, imagens e representações como forma de investigação da relação migração-memória.

Segundo Mirandolina num determinado momento histórico, a migração inspirou diferentes realizações artísticas como romances, filmes e músicas, o que hoje se vê esgotado. Ao observar o esgotamento dos registros artísticos da migração de nordestinos, a pesquisadora diz que hoje percebe-se o interesse acadêmico voltado aos indivíduos anônimos, que através de seus depoimentos tornaram-se objetos de pesquisa.

Tendo Halbwachs como referência, a autora afirma que a experiência da migração, que geralmente acontece na vida adulta, preserva os quadros da memória da infância. No caso dos nordestinos migrantes, a formação de práticas de vida social fixadas de maneira objetiva na forma da fala, ritmo e sonoridade são mantidos pela continuação do contato familiar, atentando para o fato de que existe um projeto identitário, que há um *diferencial* cultural e neste sentido ele persiste.

Segundo Itamar de Souza, em *Migrações Internas* (1980), este constata que apenas a partir da década de 40 surgem estudos sistemáticos sobre migrações no Brasil: estudos geoestatísticos por técnicos do IBGE; estudos econômicos pelo IPEA/INPES e estudos sociológicos por pesquisadores dos cursos de ciências sociais (antes a migração era pensada dentro do quadro paradigmático da formação brasileira). No que diz respeito aos estudos do IBGE e do IPEA estes estiveram voltados para a demografia pouco contribuindo para o desvendamento da problemática da migração.

De acordo com Francisco de Oliveira, “partindo exatamente da população com um todo, a demografia não trabalha sobre relações sociais quaisquer que elas sejam. Toma a população como abstração, e, portanto, não é paradoxal mas inerente a esse método que a demografia estude a população da mesma forma que estuda qualquer conjunto de seres vivos: seu tamanho, estrutura de idade,

fertilidade, fecundidade [...] o desvendamento que se requer é de como a produção de mercadorias *produz* a população” (OLIVEIRA, Francisco. In: Azevedo, 2002:17-18).

Para Mirandulina não se pode negligenciar os dados estatísticos, pois estes podem qualificar os níveis da exploração; a quantidade de população que se desloca de um lugar para outro o faz em função da produção do espaço. A autora destaca que a visão integradora da migração, aquela dos anos 50, esgotou-se porque hoje a situação do trabalho é outra. A lógica da modernização na sua generalização é levada às últimas conseqüências: desenvolver as forças produtivas de maneira a precisar cada vez menos de trabalho. A indústria não só tem reduzido seus postos de trabalho como exige cada vez mais treinamento especializado para suas tarefas, assim como o setor de serviços. No caso do migrante em geral, pelo seu baixo grau de qualificação profissional, este é a maior vítima das piores situações de postos de trabalho. De acordo com Jean Paul de Gaudemar, citado por Mirandulina, os migrantes são sempre submetidos às piores situações de trabalho, para eles ficam os postos de trabalho recusados pelos trabalhadores locais, aqueles mais mal remunerados, dessa forma favorecendo o interesse do capital no ajuste da equação de custos da força de trabalho (p.27).

Um dado importante que aparece nos idos de 1990 é a questão cultural do migrante ligada à memória. A memória encontra-se visivelmente inflacionada, os estudos de uma parte revelam preocupações com a peculiar musicalidade nordestina - ritmos e letras produzidos à escala industrial -, de outro lado registra-se interesse em trabalhar no limite memória-história, pensando a questão dos personagens históricos ou ainda a preocupação com o que hoje se chama de “gestão da memória” (p.29). Nos últimos anos observamos estudos que referenciam a memória recuperando o passado na voz do presente. Ver o ponto do migrante por ele mesmo e também sob as regras do outro, no lugar do outro.

Pierre Nora em *Entre Memória e História: a problemática dos lugares* afirma que

Memória e história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes (In: Azevedo, 2002:44).

Segundo a autora, Halbwachs, ao falar da memória, concentrou sua abordagem nos chamados quadros sociais da memória, pensou a memória do indivíduo mediada pelos grupos de convívio e instituições a que este pertence. Portanto, fazem parte da constituição da memória a família, a classe social, a religião adotada, o grupo profissional e outros tipos de grupos de convivência. Recordamos nossa infância enquanto membros de uma família, o bairro como membros da comunidade local, a nossa vida profissional em função da comunidade de trabalho, do partido político, sindicato ou qualquer outro tipo de associação, e assim sucessivamente, enfim todas as recordações são memórias de grupo e a memória do indivíduo só existe na medida em que este indivíduo é produto de determinada interseção de grupo. Para este autor, a construção da memória, se dá em nível coletivo (p.46).

No que tange a migração, concordamos com a autora quando diz que esta hoje é posta nos jornais de forma fragmentária e genérica. É quase como se não existissem os problemas de uma memória viva, conflitiva, mas apenas uma gestão de memória. “A migração continua existindo, perdendo, contudo, os contornos de uma questão de interesse ampliado. Enquanto assunto, pelo que se

tem publicado na imprensa está subentendido ou assimilado ora a problemática urbana – a situação das periferias, ora a problemática rural - associada à reforma agrária” (p.53-54).

De acordo com a autora, a experiência da migração é social e socializada, sendo assim possível ler também o índice de sua relação com a memória, memória coletiva, individual e social a um só tempo. Para então atingir o ponto de vista do migrante, a fala individual faz sentido quando ligada à mobilização de muitas formas, cultura viva, hoje sem nenhuma necessidade de escrita que a monumentalize; a cultura oral é de certa forma também garantida por pesquisadores que fazem, através da oralidade, o migrante ser portador de sua própria fala (p.54).

Diante das questões abordadas por Mirandulina Azevedo em sua pesquisa, esta faz mais uma ressalva que julgamos importante: “A migração não é uma mera operação de passagem entre uma origem e um destino. Nesta passagem entre dois mundos a origem deixa marcas visíveis, o afastamento físico não necessariamente rompe padrões de cultura e ao final o que aparece é a imagem fora do lugar” (p.122).

Escolhemos a tese de doutorado em Psicologia Social, *A Solidão Intimista na Cidade Mundial – uma análise da experiência da migração*, defendida por Rosângela da Silva Almeida na PUC/SP em 2003, pois além da metodologia aplicada, história oral, também utilizada no nosso trabalho, aborda a questão da solidão do migrante em São Paulo e seus desdobramentos. A escolha do *corpus* da pesquisa foram quatro migrantes, objetivando entender a solidão perpassada por diferentes temporalidades, diferentes níveis sócio-econômicos, de instrução, de profissão, idade e sexo envolvendo vários processos de intersubjetividades.

Embora não tenhamos trabalhado diretamente com a “solidão”, nos identificamos muito com a abordagem da autora, visto que em muitas das

entrevistas que realizamos a temática da solidão veio à tona sem que tivéssemos que abordá-la. Na pesquisa de Almeida, os migrantes que se estabeleceram na “cidade mundial” destacam a solidão como um sofrimento freqüente em suas vidas e sentido de diferentes formas. Diante da chegada à cidade de São Paulo, frente às novas situações que tiveram que se deparar, a solidão foi a sensação mais forte relatada por estes indivíduos.

Almeida destaca que todos os entrevistados dizem ter poucos amigos na cidade e que alimentam a ligação com suas famílias, parentes e amigos na terra natal através de cartas e telefonemas.<sup>10</sup> Com relação à abordagem sobre a possível volta ao local de origem, a maioria mencionou a vontade de retornar.

Segundo Almeida, a solidão tem sua gênese no social e acompanha os migrantes na cidade. É um sentimento que está na base da vida do migrante. A solidão se apresenta de formas diferentes para os migrantes e a que mais tem destaque é a solidão que causa sofrimento. Esse sofrimento causa tristeza, dor, depressão. Diante dos depoimentos, marcadamente foi constatado que este sentimento se estende a todos, embora alguns declararam ter alguém para desabafar.

De acordo com a pesquisadora, “a análise da solidão enquanto estar só está entrelaçada com o local no qual o sujeito se encontra, o tempo do dia (manhã, tarde ou noite) em que o sentimento de solidão está mais presente e a necessidade de estar com o outro e/ou de ouvi-lo são fundamentais para a continuidade da vida do migrante e sua forma de lidar com as dificuldades da emergência desse sentimento. [...] A solidão como afetividade é vivida como em emoção, sentimento e paixões tristes, este último recebe essa designação por

---

<sup>10</sup> É bastante ilustrativo o depoimento de um dos entrevistados por Rosângela Almeida, de nome Jardel: “Solidão eu sinto muito, [...] geralmente é sempre à noite que eu sinto solidão. [...] Também tenho insônia constantemente. Aí eu ligo constantemente na madrugada pra casa do pessoal, ligo pra Bahia. Eu ligo mesmo. Você não tem com quem falar, às vezes você quer falar e não encontra. Imagine que outro dia eu liguei pra uma amiga às duas horas da manhã porque eu tinha necessidade de falar, eu liguei. Ligo para os amigos, logo prá Bahia mesmo, lá prá Salvador. Só de ouvir aquele sotaque gostoso (risos), aquilo já me carrega as energias, as baterias por uma semana” (p.138).

Espinosa (1979). Mas o que mais está presente na vivência do migrante em São Paulo é a solidão como sentimento, um sentimento que é constante e parece pertencer ao modo de vida dos sujeitos entrevistados. Podemos dizer que a solidão como uma emoção – se faz presente como fenômeno afetivo intenso, breve e centrado em fenômenos que interrompem o fluxo normal da conduta” (p.136-138).

A solidão intimista a que estão submetidos os sujeitos migrantes, segundo a autora, os impede de pensar no contexto social mais geral, ou seja, suas necessidades estão ligadas aos projetos individuais. Esta afirma que “não há registro de nenhum engajamento político de qualquer ordem por parte dos sujeitos migrantes. A impressão que temos é que a realidade social parece não fazer parte da vida deles, ou melhor, não parecem interessados no mundo que os rodeia desde que consigam perseguir seus interesses pessoais” (p.141).

Acreditamos que esta afirmação é bastante discutível, dado que a pesquisa trabalhou com um universo muito restrito e não foi feito um levantamento minucioso das formas de engajamento político ou social dos migrantes. Sabemos, entretanto, que existe um contingente de migrantes que criam principalmente cooperativas voltadas para a questão da moradia disseminadas nas periferias e que, embora os meios de comunicação não as divulguem, grande parte destes migrantes conseguem se estabelecer na cidade, ter um lugar para morar por força destes movimentos que ocorrem através da rede de sociabilidade por eles criada. Também nos sindicatos é possível encontrar muitos migrantes nordestinos.

### **1.3 O nordestino em São Paulo na visão de algumas personalidades**

Os preconceitos emitidos para caracterizar o nordestino são popularmente associados a aspectos negativos e pejorativos. Esta construção

que podemos considerar “contra” o nordestino em São Paulo, longe de ser algo recente, já teve conotações oficiais em períodos históricos diferenciados. De 1935, por exemplo, temos um fragmento do discurso do deputado estadual Alfredo Ellis Jr., em que o mesmo defende a imigração estrangeira, mais especificamente a japonesa, para substituir a mão-de-obra nordestina argumentando que:

O nordestino é de sangue preto, e tem conformação osteológica diferente da nossa, transparecendo em seus crânios chatos e largos, em sua cor de charuto a grande influência do índio. O nordestino não tem outro estoque racial, não se fixa, é volante. Felizmente o nosso sistema racial está livre de sofrer a influência dessa gente. O japonês é incalculavelmente melhor para nós e para o nosso corpo social, pois existe entre nós e os japoneses mais afinidades do que entre nós e os nordestinos. (In: *Tem Que Ser Baiano?* 1992/1993).

Mas tais tipos de observações não se atêm apenas a esta época. Evidências de preconceitos podem ser obtidas até mesmo através dos meios de comunicação de massa e, de forma sutil fica, por exemplo, subtendida na declaração do apresentador de programa popular:

Muitas das nossas cadeias estão recheadas de irmãos nossos, nortistas e nordestinos. Por que isso? Alguma discriminação? Não. Simplesmente porque hoje eles são maioria aqui em São Paulo (Declaração do então Deputado Estadual Afanásio Jazadi. In: *Tem Que Ser Baiano?* 1992/1993).

Outras declarações, tampouco primaram pela sutileza se considerarmos a informação publicada pela *Folha de São Paulo*, na gestão do prefeito Celso Pitta, pelo então secretário das Administrações Regionais de São Paulo, Alfredo Mário Savelli:

Eles estão prejudicando a cidade destinada a ser a capital do Mercosul. (...) Da mesma forma que vieram para cá quando a cidade oferecia oportunidades, eles precisam perceber que elas não existem mais. Os menos instruídos deveriam ir para Fortaleza, ou para o interior do estado e para o sul de Minas. É duro falar nisso. Mas, como secretário, sou um observador privilegiado e posso recomendar que mudem daqui porque o perfil econômico mudou (FSP, 25/07/97).

Como mais um exemplo de manifestação de preconceito e discriminação contra os migrantes nordestinos, segundo Luiz Fernando Franco, na cidade de São Paulo existiu um projeto de lei de autoria do ex-vereador Bruno Feder (ex-PBB-Partido Progressista Brasileiro), que criava impedimentos para que estes não se utilizassem dos serviços públicos da cidade, o qual felizmente não foi aprovado. Ainda segundo Franco, durante a gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-92), as propostas de políticas públicas foram alvo de manifestações de intolerância publicadas pela imprensa e pichadas em locais públicos. Tendo invertido as prioridades até então dominantes, voltando-se ao atendimento das demandas populares que vivem em situações sub-humanas na cidade, fora acusada de favorecer aos nordestinos (2000:77).

## Capítulo II

### O NORDESTINO EM SÃO PAULO

#### 2.1 O discurso dos migrantes

Este capítulo tem como objetivo apresentar, dialogar e analisar as entrevistas realizadas com três segmentos de trabalhadores nordestinos na cidade de São Paulo (professores/professoras, garçons/garçonetes, zeladores/porteiros de prédios residenciais), buscando aprofundar o conhecimento sobre o processo de construção individual e social destes segmentos, apropriando-nos de conceitos fundamentais para este trabalho (identidade e preconceito), articulando-os entre si. Exploraremos a questão da naturalidade (o indivíduo só é visto como nordestino quando deixa o Nordeste), bem como as suas “vivências” na cidade. Foram realizadas trinta entrevistas fechadas com os segmentos mencionados, e uma entrevista aberta, dada a singularidade do entrevistado, visando ressaltar como vive e sente o migrante na cidade e como este interage com as contradições impostas por uma sociedade que o estigmatiza como sendo o “diferente”.

Trabalhamos com a metodologia da pesquisa qualitativa com esta amostragem de 31 pessoas, pois consideramos este contingente adequado para obtermos respostas para as questões que nos propusemos. Para a realização de um trabalho mais minucioso, escolhemos este universo restrito no intuito de melhor investigar como estes nordestinos se vêem na cidade e como pensam serem vistos por ela.

Conforme afirmamos anteriormente, a escolha dos segmentos para a realização das entrevistas foi pautada pelos seguintes critérios: a) os professores/professoras selecionados, alguns trabalham, ou trabalharam com a pesquisadora, e outros fazem parte do seu círculo de amizade; b) os garçons/garçonetes, zeladores/porteiros de prédios residenciais trabalham na

Barra Funda, bairro da zona oeste da cidade, cuja concentração das entrevistas nesta localidade, foi priorizada para facilitar a coleta de dados e um maior contato com os entrevistados.

As entrevistas estão distribuídas em três amostras contando com a seleção de sete perguntas cujas respostas foram transcritas na íntegra (com poucas exceções que estão apenas comentadas), pois acreditamos que estas foram as questões prioritárias para obtermos respostas acerca das hipóteses com as quais trabalhamos: a) o nordestino se sente vítima de preconceito na cidade de São Paulo? b) como o preconceito interfere na sua identidade?

O questionário completo aplicado nas entrevistas foi o seguinte:

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de nascimento:
4. Estado civil:
5. Profissão:
6. Quanto tempo mora em São Paulo:
7. Grau de instrução:
8. Motivo da vinda para São Paulo:
9. Veio só, com amigos, com parentes?
10. O que você sentiu quando chegou aqui em São Paulo?
11. Como você se sente morando em São Paulo?
12. A maior parte de suas amizades é com nordestinos ou com pessoas de outros lugares?
13. Se você tivesse condições de voltar para o seu lugar de origem você voltaria?

14. Quando você não está trabalhando, o que gosta de fazer, e quais lugares de lazer gosta de frequentar?

15. Você já se sentiu discriminado ou foi vítima de preconceito na cidade de São Paulo pelo fato de ser nordestino?

16. Quando você ouve alguém chamar algum nordestino de “baiano”, qual é a sua reação?

As sete perguntas as quais priorizamos para melhor pontuar a identidade e o preconceito em relação aos nordestinos na cidade de São Paulo, conforme mencionado, se estendem a todos os segmentos de entrevistados e estão abaixo relacionadas:

1. Motivo da vinda para São Paulo.

2. Veio só, com amigos ou com parentes?

3. A maior parte de suas amizades é com nordestinos ou com pessoas de outros lugares?

4. Se você tivesse condições de voltar para o seu lugar de origem, você voltaria?

5. Quando você não está trabalhando, o que gosta de fazer, e quais lugares gosta de frequentar?

6. Você já se sentiu discriminado ou foi vítima de preconceito na cidade de São Paulo pelo fato de ser nordestino?

7. Quando você ouve alguém chamar algum nordestino de “baiano”, qual é a sua reação?

Num primeiro momento, iremos apresentar as respostas fornecidas pelos entrevistados, para que o leitor tenha uma visão de conjunto de como pensam estes segmentos. Feito isso, faremos uma análise final da coleta de dados.

A primeira amostragem consta de entrevistas realizadas essencialmente com professores nordestinos.

QUADRO 1 - Entrevistas realizadas com professores/professoras \*

Nome	Local de Nascimento	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Moradia em São Paulo
Aurélio	Rio Tinto (PB)	43	Casado	Professor Ensino Médio e Fundamental	Superior	20 anos
Ivonildes	Salvador (BA)	44	Casada	Professora Ensino Médio e Fundamental	Superior	20 anos
Josafá	Xique-Xique (BA)	43	Solteiro	Professor Ensino Médio e Fundamental	Superior	25 anos
José Francisco	São Miguel (RN)	39	Solteiro	Professor Ensino Médio e Fundamental	Superior	21 anos
José Reinaldo	São Benedito do Rio Preto (MA)	47	Casado	Professor Ensino Médio e Fundamental	Superior	28 anos
Lucileide	Itamaraju (BA)	40	Casada	Professora Universitária	Superior	19 anos
Marco Antonio	Recife (PE)	30	Solteiro	Professor Ensino Médio e Fundamental	Superior	23anos
Maria Adailza	Mauriti (CE)	44	Casada	Professora Universitária	Superior	20 anos
Maria de Lourdes	Cajazeiras (PB)	35	Solteira	Professora Ensino Médio e Fundamental	Superior	10 anos
Patrícia	Itabuna (BA)	32	Separada	Professora Ensino Médio e Fundamental	Superior	30 anos

\* Entrevistas realizadas pela autora com os entrevistados nos locais de trabalho de cada um, em dias e horários ajustados pelas partes.

### 1. Motivo da vinda para São Paulo:

- ✓ Aurélio: *“Migração dos pais em busca de melhores condições de trabalho”.*
- ✓ Ivonildes: *“A família materna já estava aqui e eu decidi vir com o meu esposo”.*
- ✓ Josafá: *“Duas irmãs já moravam aqui e em função da desagregação familiar (meus pais tinham se separado), eu vim com a minha mãe e as outras irmãs”.*
- ✓ José Francisco: *“Buscar uma vida digna”.*
- ✓ José Reinaldo: *“Busca de melhores condições de vida, trabalho e estudo”.*
- ✓ Lucileide: *“Vim para estudar”.*
- ✓ Marco Antonio: *“Em busca de um meio de vida melhor”.*
- ✓ Maria Adailza: *“Em busca de trabalho e estudo e também porque acreditava que Fortaleza era uma cidade muito provinciana e eu queria viver a experiência de morar em uma metrópole”.*
- ✓ Maria de Lourdes: *“Em busca de trabalho e de fazer um curso de mestrado”.*
- ✓ Patrícia: *“Meus pais vieram à procura do famoso sonho de melhores condições de vida. Vieram em busca de emprego”.*

### 2. Veio só, com amigos ou com parentes?

De todos os entrevistados, só o José Francisco e a Maria de Lourdes vieram sós. Os demais vieram com parentes, amigos ou morarem com estes que já residiam aqui. Não é relevante transcrever as respostas.

### 3. A maior parte de suas amizades é com nordestinos ou com pessoas de outros lugares?

- ✓ Aurélio: *“Com nordestinos e seus descendentes”.*
- ✓ Ivonildes: *“Diversificada”.*

- ✓ Josafá: *“A maior parte é com migrantes. Tenho pouco contato com paulistas. Me relaciono mais com descendentes de migrantes nordestinos, principalmente por morar em São Miguel Paulista (periferia da Zona Leste) e pelas minhas condições sociais”.*
- ✓ José Francisco: *“Tenho muitos amigos nordestinos, mas em virtude de estar há tanto tempo longe do Nordeste, hoje tenho amigos de vários estados”.*
- ✓ José Reinaldo: *“A maioria é com nordestinos ou com descendentes de nordestinos”.*
- ✓ Lucileide: *“Com migrantes, embora tenha feito algumas amizades com paulistanos”.*
- ✓ Marco Antonio: *“Diversificada”.*
- ✓ Maria Adailza: *“Tenho um número significativo de amigos nordestinos, mas não tenho somente amigos dessa região. Conheço gente de todo o país. Isto foi possível em virtude da minha profissão e de estudar na USP que é uma Universidade que recebe pessoas de muitos lugares. Não saberia quantificar se os meus amigos são mais nordestinos. Uma coisa eu tenho certeza, são poucos os paulistanos”.*
- ✓ Maria de Lourdes: *“Variadas”.*
- ✓ Patrícia: *“Posso dizer que sou privilegiada no quesito amizade. Me relaciono com pessoas de várias partes do Brasil. Através de meus pais, vários amigos baianos e de outras localidades de norte a sul deste país vinham nos visitar. Mas foi na casa dos amigos baianos, compadres e comadres de meus pais, aqui em São Paulo, onde passei parte de minha infância e adolescência, me sentindo muito baiana, e na semana santa era a época em que eu mais me sentia assim. O peixe cozido no leite de côco e dendê, a canjica e o mungunzá”.*

4. Se você tivesse condições de voltar para o seu lugar de origem você voltaria?

- ✓ Aurélio: *“Sim, não pensaria duas vezes”.*
- ✓ Ivonildes: *“Não, porque minha família está toda aqui e também minha vida está estruturada aqui”.*
- ✓ Josafá: *“Sim, é o meu maior desejo. Pretendo voltar e ser professor no nordeste que precisa mais de mim do que aqui”.*
- ✓ José Francisco: *“Não. No momento não tenho objetivo imediato de voltar para o nordeste”.*
- ✓ José Reinaldo: *“Sim. Voltaria se me fossem oferecidas as condições mínimas que tenho aqui”.*
- ✓ Lucileide: *“Sim. É o que eu pretendo e vou conseguir. Prestei concurso público na UFRB (Universidade Federal do Recôncavo Baiano) e tenho chances de ser aprovada. Caso seja chamada irei morar em Salvador com o meu esposo e filhos”.*
- ✓ Marco Antonio: *“Não”.*
- ✓ Maria Adailza: *“Voltarei não para o Mauriti, que é a minha cidade de origem, mas para João Pessoa que é uma cidade agradável, com serviços e qualidade de vida. Além do mais, tem uma boa Universidade onde pretendo trabalhar como professora universitária”.*
- ✓ Maria de Lourdes: *“Não no momento, pois pretendo me aperfeiçoar, fazer mestrado, daí poderei pensar em voltar”.*
- ✓ Patrícia: *“Sim. É o que pretendo”.*

5. Quando você não está trabalhando, o que gosta de fazer, e quais lugares gosta de freqüentar?

O lazer deste grupo é bastante semelhante, pois responderam que gostam de ler, ir ao cinema, teatro, shows, parques, exposições culturais, frequentar bares, visitar os amigos, ouvir música e passear com a família.

Portanto, neste caso também achamos desnecessário transcrevermos as respostas.

6. Você já se sentiu discriminado ou foi vítima de preconceito na cidade de São Paulo pelo fato de ser nordestino?

- ✓ Aurélio: *“Algumas pessoas usam uma linguagem pejorativa em relação a nós nordestinos. Creio que seja por ignorância ao nosso respeito”.*
- ✓ Ivonildes: *“Sim. Logo que cheguei senti discriminação por parte dos alunos, em relação ao sotaque e ao significado de algumas palavras que são diferenciadas no nordeste: “Quando cheguei aqui, comecei a lecionar para uma classe de 4ª série em que a maioria dos alunos era repetente e adolescentes. Quando eu pronunciava uma palavra que aqui eles pronunciavam de outra forma, combinei com eles para que me “ensinassem” e eles “ensinavam”. Por exemplo, eu falava papel ofício e eles papel sulfite. Foi o meio que encontrei para ter uma convivência mais saudável e fazer com que eles percebessem que o Brasil tem vários sotaques”.*
- ✓ Josafá: *“Quando comecei no meu primeiro emprego, os colegas de trabalho me mandavam falar direito, parar de falar arrastado. Para não sofrer tanto, tive que me adequar rápido ao linguajar paulistano. Por exemplo, ao invés de “botar”, tive que aprender a falar “por” que é o “correto” para os paulistanos”.*
- ✓ José Francisco: *“Até hoje sou vítima de preconceitos cretinos, nos mais variados lugares que frequento como no espaço de trabalho, em especial por parte dos colegas professores”.*
- ✓ José Reinaldo: *“Sem dúvida. O sotaque, alguns termos e palavras que usamos, senti que as pessoas queriam desvalorizar como se fôssemos inferiores. Senti que faltava um conhecimento melhor sobre o nordeste”.*

- Certa vez, uma diretora de escola observando o número do meu RG, fez o seguinte comentário: “No seu RG tem um número a mais. Deve ser porque você é nordestino”. Aproveitei para perguntá-la se o dela também tinha algo que a identificava como negra. Achei isso um grande absurdo.”*
- ✓ *Lucileide: “Quando do meu primeiro emprego, as pessoas riam do meu sotaque na empresa em que trabalhava. Os paulistanos acham que o nordestino é burro. Hoje eu lido com isso muito bem, mas já sofri muito”.*
  - ✓ *Marco Antonio: “Já sofri muito, mas resisti a todos os tipos de preconceito por ser negro, pobre, homossexual e nordestino”.*
  - ✓ *Maria Adailza: “Eu tive duas situações de preconceito. A primeira foi logo que cheguei e comecei a dar aulas na periferia da Zona Sul, no Jardim São Luiz. Eu entrei na sala de aula muito insegura e comecei a perguntar para os alunos que lição do livro eles estavam estudando com a professora que ora eu substituía. Todos eles riam muito do meu sotaque e depois me perguntaram de onde eu era. No outro dia, para conseguir dar aula, eu tive de mudar o meu sotaque. Fiquei a noite inteira aprendendo a falar “paulistanês”, se é que isso existe. (...) Com o tempo eu fui mudando a minha maneira de falar, fui introduzindo formas, palavras, jeitos, pois acho que quando vivemos em um lugar vamos adquirindo novos hábitos. Acho que este é um processo natural. Mas também trago no meu falar muitas palavras, jeitos e modos de nordestina. Isto me identifica como tal. É a minha marca, é o que me diferencia dos demais. (...) É a minha identidade. A segunda situação foi mais complicada, pois uma pessoa da família do meu esposo perguntou para a mãe dele se ela iria deixá-lo casar com uma nordestina. (...) Com o tempo ela teve que aprender a me respeitar”.*
  - ✓ *Maria de Lourdes comenta: “Sim, principalmente em relação ao meu sotaque. Os meus alunos riem e comentam que falo diferente”.*

- ✓ Patrícia: *“Vários. Observei que estes sempre estiveram ligados à questão de minha origem nordestina. Mas, para mim, o fato de ser baiana e ter orgulho de divulgar isso, fizeram com que muitas vezes recebesse até gestos carinhosos”.*

7. Quando você ouve alguém chamar algum nordestino de “baiano”, qual é a sua reação?

- ✓ Aurélio: *“Procuro não me abalar, pois conheço os problemas do nordeste, a nossa cultura e o nosso povo”.*
- ✓ Ivonildes: *“Fico com vontade de corrigir e falar que ser preconceituoso é ser ignorante, é não conhecer as suas raízes, sua árvore genealógica e a história de seu país, mas “caio na real” para não me desgastar”.*
- ✓ Josafá: *“Eu vejo como uma generalização: Todo baiano é nordestino e todo nordestino é baiano. Numa situação de algo errado, todo nordestino é “baiano”. Recentemente em sala de aula, um aluno disse-me que eu estava fazendo “baianada” e eu disse-lhe que ele é quem estava fazendo “paulistada”. Disse-lhe que qualquer um erra e que o erro é universal. Não é algo inerente ao nordestino ou ao “baiano”. Sempre eu chego me apresentando como baiano porque desta forma eu me coloco numa situação de defesa e ataque. Portanto, se eu for vítima de gozação, já estou preparado”.*
- ✓ José Francisco: *“A minha reação é de angústia, não apenas por ser nordestino, mas em especial por ser educador, uma vez que isso revela uma situação de analfabetismo cultural”.*
- ✓ José Reinaldo: *“Sinto que o termo “baiano” vem com uma carga muito grande de discriminação, é um termo usado para desqualificar, inferiorizar alguém ou alguma atitude que não é bem vista”.*

- ✓ Lucileide: *“A idéia é colocar o nordestino como ser inferior. Para mim, é o mesmo preconceito contra o negro. É a forma mais declarada de discriminação contra o nordestino. Eu sempre me posiciono. Quando estou em sala de aula e algum aluno imita o meu sotaque, explico que o Brasil é um país de grandes diversidades culturais”.*
- ✓ Marco Antonio: *“Eu explico que baiano é quem nasce na Bahia, e ignorante é quem utiliza esse termo de forma pejorativa”.*
- ✓ Maria Adailza: *“Costumo reagir às falas provocativas em sala de aula e não permito esse tipo de abordagem com as pessoas com as quais convivo. (...) Tento mostrar o quanto é preconceituosa essa expressão. Quando escuto algum comentário nesse sentido, reajo com indignação”.*
- ✓ Maria de Lourdes: *“Irritada, pois sou paraibana. Eu me posiciono, pois sou bastante defensora do meu espaço e principalmente das minhas origens. Só que faço isso com bastante humor, pois do contrário terei problemas”.*
- ✓ Patrícia: *“O termo “baiano”, infelizmente, muitas vezes é pronunciado em tom de deboche assim como a expressão “é tinha que ser baiano” ou, “olha só que baianada que fulano aprontou”. Então, depende do contexto e da entonação com que esta expressão aparecerá, com certeza, se eu perceber que é em tom debochado, vou em defesa da nossa identidade, como já fiz algumas vezes”.*

Na segunda e na terceira amostragem, com os demais segmentos de trabalhadores pesquisados, garçons/garçonetes (quadro 2) e zeladores/porteiros e de prédios residenciais (quadro 3), todos do Bairro Barra Funda, nos valem das mesmas questões utilizadas nas entrevistas realizadas com professores/professoras.

QUADRO 2 - Entrevistas realizadas com garçons/garçonetes \*

Nome	Local de Nascimento	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Moradia em São Paulo
Ana	Vitória da Conquista (BA)	33	Solteira	Garçonete	Ensino Fundamental incompleto	10 anos
Antônio Adriano	Assaré (CE)	45	Separado	Garçom	Ensino Fundamental Incompleto	27anos
Antônio Da Silva	Mucambo (CE)	31	Casado	Garçom	Ensino Fundamental incompleto	11 anos
Cristiane	Inhambupe (BA)	33	Casada	Garçonete	Ensino Fundamental completo	16 anos
Edson	Irecê (BA)	26	Solteiro	Garçom	Ensino Fundamental Incompleto	07 anos
Francisco	Mucambo (CE)	35	Casado	Garçom	Ensino Fundamental completo	18 anos
José Clodoaldo	Cruz (CE)	33	Casado	Garçom	Ensino Fundamental Incompleto	18 anos
Juarez	Água Branca (AL)	35	Casado	Garçom	Ensino Fundamental Incompleto	20 anos
Pollyanna	Caruaru (PE)	22	Solteira	Garçonete	Ensino Fundamental Incompleto	02 anos
Taciana	Santa Cruz do Rio Grande do Norte (RN)	26	Solteira	Garçonete	Ensino Médio Incompleto	04 anos

\* Entrevistas realizadas pela autora com os entrevistados nos locais de trabalho de cada um, em dias e horários ajustados pelas partes.

### 1. Motivo da vinda para São Paulo.

Através das respostas deste segmento de trabalhadores, constatamos que todos vieram em busca de trabalho e de uma vida melhor. Diferentemente do segmento do Quadro 1, onde pessoas relataram que vieram para estudar.

### 2. Veio só, com amigos ou com parentes?

Todos os entrevistados responderam que vieram residir com parentes ou amigos que já estavam aqui.

### 3. A maior parte de suas amizades é com nordestinos ou com pessoas de outros lugares?

De todos os entrevistados, o único que mencionou que a maioria das amizades é diversificada, foi Francisco das Chagas. Os demais foram enfáticos em dizer que as relações de amizade são essencialmente com nordestinos.

### 4. Se você tivesse condições de voltar para o seu lugar de origem, você voltaria?

- ✓ Ana: *“Se eu tivesse minha casa lá, eu voltaria”.*
- ✓ Antonio Adriano: *“Voltaria sim. É o meu objetivo. Quando eu saí, eu vim da roça, capinando mato com meus pais e lá era muito difícil. Eu quero voltar, mas não para trabalhar na roça. Eu quero abrir uma lanchonete, um bar. Meu sonho é voltar para minha terra. Ficar perto dos meus pais”.*
- ✓ Antonio da Silva: *“Com certeza. Quando eu tiver um dinheiro vou voltar e montar meu próprio negócio”.*
- ✓ Cristiane: *“Eu gostaria de voltar porque a maioria da minha família mora lá, mas aqui eu tenho minha casa”.*
- ✓ Edson: *“Não pensaria duas vezes. Com condições de por um negocinho para mim. Meu objetivo é esse”.*

- ✓ Francisco: *“Com certeza, porque tudo que eu tenho é minha família e ela está lá”*
- ✓ José Clodoaldo: *“Eu voltava com certeza se tivesse condições de montar um negócio para mim”.*
- ✓ Juarez: *“Voltaria numa boa condição. Estou pensando em passar mais um tempo aqui e voltar. Montar qualquer um comércio. Quando a gente volta, a gente é muito bem recebido por todo mundo”.*
- ✓ Pollyanna: *“Voltaria porque lá está a minha família toda, porque eu tenho muito apego ao meu lugar e eu gosto muito de lá. No momento, eu não posso porque quero voltar a estudar, arrumar um emprego melhor e voltar de cabeça erguida. Se Deus quiser eu vou conseguir”.*
- ✓ Taciana: *“Eu acho que não voltaria porque aqui eu tenho emprego”.*

**5.** Quando você não está trabalhando, o que você gosta de fazer e quais lugares de lazer gosta de freqüentar?

Em relação a esta questão, a maioria dos entrevistados disseram gostar de chamar os amigos para fazer churrasco e tomar cerveja, bem como freqüentar casas de shows onde se dança forró como o CTN (Centro de Tradições Nordestinas) situado no Bairro do Limão, principalmente pelo fato de ser gratuito, o Clube da Cidade localizado na Barra Funda, e o Tropical que fica no bairro de Pinheiros. Alguns dos entrevistados ressaltaram que a maioria dos freqüentadores destas casas é nordestina.

**6.** Você já se sentiu discriminado ou foi vítima de preconceito na cidade de São Paulo pelo fato de ser nordestino?

- ✓ Ana: *“Sim, com relação a uma ex-patroa minha. Quando ela atrasou meu salário e eu fui reclamar, ela disse que não iria se preocupar com uma*

- empregada. Com uma pessoa que nem sabia falar direito. Que ela queria era andar bonita e chique”.*
- ✓ Antonio Adriano: *“Ah! Aqui em São Paulo tem sempre uma piadinha, mas a gente faz de conta que não está ouvindo. Eu sou um cara muito respeitador. (...) Se a pessoa fala alguma coisa assim, para mim, eu faço de conta que não estou ouvindo. É isso. Já ouvi falar muito do meu sotaque, mas o meu sotaque é esse. Eu não vou mudar o meu sotaque”.*
  - ✓ Antonio: *“Ah! sim, aqui no estabelecimento todo mundo recebe preconceito. Todos que trabalham no ramo de lanchonete já sofreram. Todos”.*
  - ✓ Cristiane: *“Eu já ouvi muita gente que vem aqui na lanchonete falar: olha os baianos, olha os coquinhos e eu me sinto mal”.*
  - ✓ Edson: *“Sim. Um cliente citou que não gosta de nordestino. Se pudesse, ele disse que mandaria todos de volta”.*
  - ✓ Francisco: *“Sim! Sim! É o que a gente mais ouve. Olhe, eu era gerente de uma padaria na Rua Afonso Pena. Tinha um senhor que eu conversava muito (...) um dia ele disse: eu moro naquele prédio há 40, 45 anos. Diz ele, que antes não tinha nordestino e não tinha malandragem. Se for assim, tem paulista, gente de outros países que também não presta. Cada cultura varia muito de um lugar para o outro”.*
  - ✓ José Clodoaldo: *“Já. Com certeza. Já vi ‘paulista’ meter a língua na gente várias vezes e não me senti bem. Não são todos, mas a maioria, se pudesse, o nordestino estaria tudo no nordeste. A gente escuta muitas vezes . A gente veio aqui para trabalhar. O ‘paulista’ não teria coragem de passar quinze horas trabalhando em pé”.*
  - ✓ Juarez: *“Eu não, mas já ouvi e muito. Nordestino aqui em São Paulo sofre muito preconceito, mas São Paulo sem nordestino não existiria”.*

- ✓ Pollyanna: *Eu não gostei. O sotaque aqui é ignorado. O modo da gente falar, tem muita gente que ignora. Algumas palavras que a gente fala lá, aqui eles tiram como piada, tiram um barato da cara da gente”.*
- ✓ Taciana: *“Não. Pelo contrário, eu acho que chama mais atenção das pessoas por ser diferente o meu jeito de falar. Muita gente diz que eu não pareço que sou nordestina. Eu tenho muito orgulho de ser de lá”.*

7. Quando você ouve alguém chamar algum nordestino de “baiano”, qual é a sua reação?

- ✓ Ana: *“Fico com muita raiva. É uma discriminação. (...) quando eu passo na rua e vejo uma pessoa falando de outra que está dormindo na rua, já diz logo: mais um baiano mendigando”.*
- ✓ Antônio Adriano: *“São pessoas desinformadas que falam isso. Uma pessoa bem informada não vai falar se a pessoa é nordestina, se tem sotaque. Aqui no Brasil todo mundo tem sotaque. Paulista tem sotaque. Todo mundo tem sotaque”.*
- ✓ Antonio: *“Sinto o preconceito porque a nossa população é muito pobre. A gente se sente muito humilhado porque os ‘paulistas’ não respeitam a gente. Eu tenho que ficar calado, quieto porque estou na terra dos outros. Galo em terreiro dos outros é galinha”.*
- ✓ Cristiane: *“Eu me sinto ofendida. Aí, eu vou procurar saber (...) vocês são racistas?”.*
- ✓ Edson: *“Sinceramente eu sinto como uma humilhação. Eu acho que a maioria quer humilhar. No meu ponto de vista, principalmente os paulistas, eles acham que os nordestinos não deveriam vir porque o lugar deles é lá. É mais ou menos assim que eles pensam”.*
- ✓ Francisco: *“Eu acho uma afronta. Está discriminando o nordestino. Eu defendo”.*

- ✓ José Clodoaldo: *“Não me atinge em nada. Às vezes, a gente briga. Qualquer coisa que a gente erra é chamado de baiano. Eles teriam que agradecer a nós. Num prédio de 50 andares, vê se tem algum ‘paulista’ trabalhando lá. Já ouvi muito xingamento sobre a gente. Esta raça de nordestino tem que voltar, está estragando São Paulo. Eu acho que ninguém está estragando São Paulo. Aqui é Brasil. Eles aceitam mais europeus, japoneses, do que a gente”.*
- ✓ Juarez: *“Eu falo um monte com eles. Aqui é um lugar que a gente vive e dá para todo mundo trabalhar”.*
- ✓ Pollyanna: *“Eu procuro entender o porquê. Não tem nada a ver. Se for olhar, aqui em São Paulo tem muitas coisas erradas que eles julgam assim: “é baiano”, “é tudo baianada”, “tem que ser baiano”. Meu chefe falou que eu não parecia do Nordeste porque eu sabia falar. Aqui, quando fala que é nordestino, já pensam que é burro”.*
- ✓ Taciana: *“Eu não gosto. Sei lá, às vezes pode ser brincadeira, às vezes é para humilhar. Não que ser nordestino é ser inferior. O que vale é a dignidade. Eles acham que o nordestino é nada, acham que ele veio do mato, que não é ninguém. Ele não era ninguém lá. Aqui hoje eu sou alguém. Já fui ninguém. (...) Eu quero consegui tudo que não tive lá. Terminar meus estudos. (...) Não quero que ninguém me pise, nem quero pisar em ninguém. Quero ajudar muita gente, principalmente do Nordeste”.*

QUADRO 3 - Entrevistas realizadas com zeladores/porteiros \*

Nome	Local de Nascimento	Idade	Estado Civil	Profissão	Escolaridade	Moradia em São Paulo
Aldeildo	João Alfredo (PE)	24	Solteiro	Porteiro	Ensino Fundamental Incompleto	6 anos
Alzenildo	Agrestina (PE)	22	Solteiro	Porteiro	Ensino Fundamental Incompleto	5 anos
Dijalma	Coxixola (PB)	40	Casado	Zelador	Ensino Fundamental Incompleto	22 anos
Everaldo	Sumé (PB)	31	Casado	Porteiro	Ensino Fundamental Incompleto	12 anos
Irineu	Iguaí (BA)	28	Solteiro	Porteiro	Ensino Fundamental Incompleto	4 anos
José Cosme	Coaraci (BA)	59	Viúvo	Zelador	Ensino Fundamental Incompleto	44 anos
Manoel	Limoeiro (PE)	33	Casado	Zelador	Ensino Fundamental Incompleto	12 anos
Raimundo	Almino Afonso (RN)	37	Solteiro	Porteiro	Ensino Fundamental Incompleto	16 anos
Romero	Pesqueira (PE)	33	Separado	Porteiro	Ensino Fundamental Incompleto	12 anos
Valcir	Irecê (BA)	27	Solteiro	Porteiro	Ensino Fundamental Incompleto	02 anos

\* Entrevistas realizadas pela autora com os entrevistados nos locais de trabalho de cada um, em dias e horários ajustados pelas partes.

### 1. Motivo da vinda para São Paulo.

Neste segmento de trabalhadores todos responderam que vieram em busca de trabalho e de uma vida melhor.

### 2. Veio só, com amigos ou com parentes?

Todos os entrevistados responderam que vieram residir com parentes ou amigos que já estavam aqui.

### 3. A maior parte de suas amizades é com nordestinos ou com pessoas de outros lugares?

De todos os entrevistados, só o Dijalma respondeu que as suas amizades são diversificadas, ou seja, com pessoas de diferentes lugares. Os demais responderam que suas amizades são principalmente com nordestinos.

### 4. Se você tivesse condições de voltar para o seu lugar de origem, você voltaria?

- ✓ Aldeildo: *"Voltaria hoje".*
- ✓ Alzenildo: *"Nesse momento eu não penso em voltar".*
- ✓ Dijalma: *"Vou voltar. Estou voltando".*
- ✓ Everaldo: *"Com certeza"*
- ✓ Irineu: *"Voltaria. Se tivesse dinheiro eu não ficaria aqui. Quero ir embora para montar um comércio lá".*
- ✓ José Cosme: *"Eu voltaria se tivesse meu salário garantido ou tivesse me aposentado porque eu pretendo passar o resto da minha vida lá perto dos meus parentes".*
- ✓ Manoel: *"Voltaria, mas só se fosse para abrir meu próprio negócio".*
- ✓ Raimundo: *"Eu vivo meio dividido porque já estou acostumado aqui. Se eu tivesse uma condição financeira boa, eu iria para o Nordeste".*
- ✓ Romero: *"Sim, mas se fosse para trabalhar para mim".*

- ✓ Valcir: *“Estou voltando o mês que vem porque meu pai está doente e eu pretendo me arrumar por lá porque minha família mora lá”.*

5. Quando você não está trabalhando, o que você gosta de fazer e quais lugares de lazer gosta de freqüentar?

Estes entrevistados responderam de forma diversificada que gostam de fazer churrasco com parentes e amigos aos finais de semana, jogar bola, ir à casa de parentes ou amigos, ouvir música, principalmente forró, freqüentar casas de shows onde se dança forró, sendo as mais citadas, o CTN (Centro de Tradições Nordestinas) e o Clube da Cidade.

6. Você já se sentiu discriminado ou foi vítima de preconceito na cidade de São Paulo pelo fato de ser nordestino?

- ✓ Adeildo: *“Não. Em todos os lugares me tratam bem”.*
- ✓ Alzenildo: *“Sim. Principalmente pelo sotaque. A gente sofre gozação por isso”.*
- ✓ Dijalma: *“Não diretamente, mas já sofri porque o pessoal sabe que a gente não é daqui”.*
- ✓ Everaldo: *“Já senti, mas agora não lembro”.*
- ✓ Irineu: *“Não”.*
- ✓ José Cosme: *“Não, só que hoje não tem emprego e o povo de São Paulo quer que o nordestino volte. (...) Ninguém pode impedir de um cidadão ir de um lugar para o outro. Todos nós somos brasileiros”.*
- ✓ Manoel: *“Sim. Olha, é chato, muito constrangedor, pois todos nós somos brasileiros, não é? Ser nordestino e ter dinheiro não existe preconceito. Antônio Ermírio de Moraes é filho de nordestinos e não sofre preconceito. O Lula (Presidente da República) sofreu preconceito, mas hoje diminuiu por ele está no poder. O maior preconceito que São Paulo tem dos nordestinos*

*é a pobreza. Eu tenho que sair desta faixa econômica para deixar de ser chamado de 'baiano'. O preconceito que o paulistano tem de 'nortista' é por ele ser pobre, infelizmente”.*

- ✓ Raimundo: *“Eu não, mas já vi muitos serem discriminados. Muita gente fala: o que esses nordestinos vêm fazer aqui? Se não tivesse tanto nordestinos teria mais emprego”.*
- ✓ Romero: *“Não. Mas aconteceu quando eu me separei e os meus sogros disserem que eu era um nordestino sem futuro”.*
- ✓ Valcir: *“Não”.*

7. Quando você ouve alguém chamar algum nordestino de “baiano”, qual é a sua reação?

- ✓ Adeildo: *“Já ouvi o pessoal chamando de “baianinho”. Achei chato, feio. É uma forma de discriminação. A maioria trata bem, mas tem alguns que são mal-criados.*
- ✓ Alzenildo: *“Eu acho que os paulistas não gostam de nordestino, mas eu não gosto de briga e fico calado quando ouço falarem mal de nordestino”.*
- ✓ Dijalma: *Olhe, eu não me sinto mal, porque a gente tem que dar valor a nossa origem. O importante é ser respeitado. Principalmente o pessoal “lá de cima”. Qualquer coisa errada, as pessoas aqui, falam: tem que ser baiano! Você bem sabe mais do que ninguém”.*
- ✓ Everaldo: *“Eu me sinto humilhado. Eles não respeitam a cultura de cada um. Cada Estado tem seu jeito de falar, seu estilo. O ‘paulista’ porque nasceu aqui, acha que é caipira a pessoa que não teve tido oportunidade de estudar. Eu sinto que a pessoa que tem estudo se sente maior. Às vezes as pessoas que não têm estudo têm mais respeito do que quem tem. O brasileiro, às vezes, dá mais valor quem vem de outro país do que quem vem do nordeste”.*

- ✓ Irineu: *“Eu acho que eles não gostam de nordestinos porque têm muitos aqui, e eles têm medo de que tomem o emprego deles. Eu acho que eles são preguiçosos. Eles acham que são a gente, mas eles é que são porque nós não temos medo de trabalho”.*
- ✓ José Cosme: *“Hoje em dia eu não vejo muito principalmente porque é o nordestino quem levanta São Paulo. Você pode vê, pode ir em qualquer construção que só tem nordestino trabalhando lá”.*
- ✓ Manoel: *“Olha, é chato, muito constrangedor, pois todos nós somos brasileiros, não é? Eu não respondo porque minha educação não permite”.*
- ✓ Raimundo: *“Eu acho o cara ignorante. Eu acho que eles se sentem melhores do que o nordestino. Não só o paulistano, mas o Brasil inteiro não deveria ser assim. Da minha parte, eu vejo como ignorância. O mais correto seria todo mundo respeitar todo mundo”.*
- ✓ Romero: *“Eu acho chato. Várias vezes quando você faz alguma coisa errada, quando fala errado é chamado de baiano. Eu não acho bom porque aqui tem muito nordestino. É o que mais tem”.*
- ✓ Valcir: *“Eu não me importo. Às vezes eles acham que o nordestino é analfabeto, é burro. O sotaque é bem discriminado porque a gente não fala do jeito deles”.*

---

Pontuamos que a escolha em entrevistar estes segmentos de trabalhadores (garçons/garçonetes, zeladores/porteiros, relacionados nos quadros 2 e 3 respectivamente) teve como perspectiva estabelecer um contraponto com o grupo de professores/professoras (relacionados no quadro 1). Destacamos que existem ao menos três diferenciais do segmento de professores/professoras em relação aos demais segmentos: qualificação profissional, grau de instrução e

classe social, que merecem um olhar mais atento quando da análise final das respostas de todos os segmentos desta pesquisa.

## **2.2 Análise das entrevistas**

Tendo como base as questões descritas no item anterior, iremos a seguir fazer uma análise destes discursos, buscando alinhavá-los na tentativa de entender como o nordestino se vê na cidade de São Paulo e como este se sente através do olhar dos paulistanos.

Em relação à vinda para a cidade de São Paulo, a maioria dos três segmentos respondeu que veio em busca de trabalho e de melhores condições de vida, com exceção de dois professores que vieram com o objetivo prioritário de estudar.

De todos os entrevistados, apenas dois vieram morar sozinhos. Os demais disseram vir morar com parentes ou amigos. Constatamos aqui a importância das redes familiares e de solidariedade entre os conterrâneos, abordada em outros estudos voltados para a questão da migração nordestina em São Paulo, comentados no capítulo anterior.

Quando questionados sobre as relações de amizades obtivemos um percentual em que prevalecem as relações com migrantes nordestinos, de acordo com os seguintes dados: do segmento de professores/professoras, a metade respondeu que se relaciona principalmente com nordestinos e a outra metade disse ter amizades diversificadas; os demais segmentos (garçons/garçonetes, zeladores/porteiros) dos vinte entrevistados, dezoito responderam que o círculo de amizade é preponderante entre nordestinos. Mais uma vez, destacamos a busca de relações entre os pares.

Perguntados se tivessem condições de voltar para o lugar de origem, a maioria dos três segmentos disse que voltaria. Achamos necessário destacar

aqui, que duas professoras (Lucileide e Maria Adailza) voltaram antes mesmo deste trabalho ser encerrado, pois foram aprovadas em concursos de universidades federais da região Nordeste; entre os garçons/garçonetes, além dos que responderam que voltariam (sete de um universo de dez), dois entrevistados disseram que gostariam de voltar, mas pelo fato de terem conseguido a casa própria (sonho que se estende a todos os migrantes que aqui chegam), este não é o momento de voltarem, embora a vontade do retorno foi explicitamente manifestada; dos zeladores/porteiros tivemos conhecimento que dois deles (Djalma e Valcir) também voltaram para os seus lugares de origem. Este último segmento foi majoritário ao demonstrar a vontade de voltar (com exceção de um único entrevistado). Diante desta amostra (quadro 3) aventamos a seguinte hipótese: o fato de serem os que possuem menor grau de instrução e cuja remuneração não os possibilitam visualizar atingir os seus objetivos, como por exemplo, ter uma vida economicamente estabilizada, os façam acreditar que o retorno é a melhor solução para as suas vidas?

Quando abordados sobre o lazer na cidade de São Paulo, os professores foram os únicos que apresentaram diferentes preferências culturais como leitura, cinema, teatro, museus, exposições culturais e shows. O segundo e o terceiro segmentos desfrutam de formas de lazer muito semelhantes: reunir-se com os amigos para fazer churrasco, visitar os familiares, freqüentar casas de shows onde a música predominante é o forró. Vale ressaltar aqui, que o “forró” a que estes se referem é uma adaptação do chamado “forró original” em que os instrumentos tocados são a zabumba, a sanfona ou acordeom, o triângulo, o pandeiro. Estes instrumentos, como podemos observar *in loco*, foram substituídos por instrumentos eletrônicos sofisticados e houve uma mistura de ritmos que descaracteriza ao que antes era denominado de forró.

Procuraremos analisar de forma mais aprofundada as questões chaves deste trabalho - “você já se sentiu discriminado ou foi vítima de preconceito na

cidade de São Paulo?” paralelamente à questão sobre a utilização do termo “baiano” de forma pejorativa - as quais julgamos as mais importantes para este estudo. Com exceção dos professores que foram unânimes em dizer que já sofreram algum tipo de discriminação e a maioria disse reagir quando algum nordestino é chamado de “baiano”, num primeiro momento, metade dos entrevistados dos quadros 2 e 3 (garçons/garçonetes, zeladores/porteiros) disseram que nunca foram vítimas de preconceito por parte dos paulistanos pelo fato de serem nordestinos. Porém, quando questionados de forma mais incisiva se realmente nunca foram vitimados pelo preconceito, alguns acabaram se contradizendo e voltaram atrás em suas afirmações.

Podemos suscitar algumas hipóteses sobre o porquê destes grupos negarem ter sido vítimas de algum preconceito: a) Partindo do pressuposto de que o “preconceito” é um conceito psicanalítico e, portanto, tem dimensões que vão além do aparente, podemos pensar que o indivíduo ao assumir que já foi discriminado, ele está acentuando mais uma condição de inferioridade perante àqueles que já o vêem como “diferente” através dos exemplos que já foram citados ao longo deste trabalho; b) Quanto ao fato de todos os entrevistados (zeladores e porteiros) dizerem que não reagem quando ouve algum dos seus pares ser chamado de “baiano”, o que nos ficou explícito foi o medo de se posicionarem em um “território” que não é o seu. Outro dado relevante é o baixo grau de instrução (todos têm apenas o ensino fundamental incompleto), além de trabalharem confinados a um lugar que os impede a falta de contato direto com outras pessoas, o que acaba por restringir ainda mais o seu universo de informações. Estas contingências resultam na submissão que estes demonstraram; c) Constatamos sentimentos ambíguos que permeiam os migrantes nordestinos entrevistados neste trabalho: alguns mencionaram gostar de São Paulo, mas querem voltar; outros disseram que nunca foram vítimas de preconceito, mas na questão seguinte quando perguntados sobre o termo

“baiano”, todos disseram ter presenciado alguma cena em que este vinha carregado de discriminação.

Um dado dicotômico em relação aos professores e aos demais segmentos é que os primeiros enfatizaram gostar de música nordestina de boa qualidade e fizeram referência a compositores como Luiz Gonzaga, Sivuca, Hermeto Paschoal, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Zeca Baleiro, Fagner etc, enquanto os demais segmentos falaram gostar de música nordestina, mas não citaram nenhuma preferência de compositor.

Apesar de garçons/garçonetes (apenas três) terem dito que reagem quando ouvem algum nordestino ser chamado de forma discriminatória de “baiano”, todos declararam-se indignados de forma mais contundente. Acreditamos que, apesar da baixa escolaridade, pelo fato destes trabalharem diretamente em contato com o público, acabam tendo acesso a pessoas com diferentes níveis de instrução, o que os propicia a uma maior reflexão em relação às formas de discriminação das quais são vítimas, fazendo com que estes acabem se posicionando ao se sentirem discriminados.

No que diz respeito a mais um elemento identitário entre os entrevistados verificamos que os que têm mais tempo de moradia em São Paulo do que no seu lugar de origem, mantêm o sotaque acentuado bem como a preservação de hábitos como a preferência pela culinária nordestina, ao contrário dos mais jovens, que se esforçam por adquirir o jeito de falar dos paulistanos, incorporar o vestuário da moda para não serem apontados de forma tão acentuada como “diferentes”. Há uma contradição permanente vivida por esta população. Ao mesmo tempo em que dizem ter orgulho de ser nordestinos, de buscar os seus pares, na verdade, ainda que inconscientemente, estes jovens querem ser paulistanos, eles próprios se negam. Vemos aí como o preconceito interfere na constituição da identidade do indivíduo. Por esta razão, pensamos que os

conceitos de identidade e diferença, neste caso caracterizada como preconceito, são indissociáveis na construção do sujeito.

Observamos que a maioria, apesar de dizer que São Paulo rejeita o nordestino, tem uma relação de identificação para com a cidade, destacando ser o trabalho fator determinante para permanência nesta.

De uma maneira geral, duas condições impulsionam a volta destes migrantes: o retorno forçado (por exemplo, a perda do emprego) e o retorno dentro de condições favoráveis, como ocorreu no caso dos nossos entrevistados.

Para Rosângela Almeida, que também trabalhou com entrevistas no estudo da solidão na população migrante nordestina em São Paulo, as formas de enfrentamento são centradas no indivíduo tornando-os fechados em si mesmos. Concordamos com a autora quando esta afirma que “a migração como uma possibilidade de quebra de fronteiras que favoreceria o encontro com a diferença, o contato com múltiplas diversidades ao invés de facilitar a abertura dos migrantes, torna-os mais fechados, encapsulados em suas identidades”. A autora também afirma que “todos os sujeitos de uma maneira ou outra retratam a sensação de estrangeiridade na cidade de São Paulo, são reconhecidos como ‘os de fora’ pelo sotaque que os caracteriza dando a identidade do ser migrante, o que contribui para a fixação da identidade cristalizada de ‘baiano’. Nessas situações ocorre discriminação, preconceito e humilhação que os afetam em grande medida. Um outro aspecto a ser considerado diz respeito ao papel da memória que é fundamental na forma como lembram de seus locais de origem e das pessoas que lá ficaram, como forma de resistência em não apagar as lembranças já vividas”. (2003:140)

## 2.3 “O Movimento São Paulo Contra o Preconceito”

### Entrevista com Antonio Marcos Barbosa da Silva

Nascido na cidade de Bonito no Estado de Pernambuco, Antonio Marcos Barbosa da Silva mora em São Paulo há quinze anos e trabalha como Escrevente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo – Ofício das Execuções Fiscais Municipais. Antonio tem participado de eventos populares da cidade de São Paulo - São Silvestre, Parada Gay, Dia da Consciência Negra, desfile da Seleção de vôlei masculino campeã mundial, entre outros – protestando contra o preconceito de maneira criativa. Vem conseguindo assim repercussão para seu protesto individual. Num primeiro momento, esse protesto foi direcionado contra o preconceito em relação aos nordestinos, sendo posteriormente dirigido a toda forma de preconceito.

Realizamos uma entrevista aberta com Antonio Barbosa por acreditarmos na quantidade de informações que nos poderiam ser oferecidas em razão de como este se posiciona frente ao preconceito de uma forma geral. Entendemos ser mais adequado apresentar esta entrevista em separado das demais, na medida em que o entrevistado já tem uma posição definida sobre o assunto, inclusive com uma intensa atitude militante.

Consideramos importante apresentar este depoimento na íntegra, dada a coragem com que o protagonista enfrenta a exposição pessoal de sua atividade. A primeira iniciativa de Antonio foi confeccionar



Ilustração 1

uma bandeira de aproximadamente 3 x 2 metros, com uma face metade preta, metade branca, com um chapéu de couro e a inscrição “São Paulo Sem

Preconceito”. A face bicolor com chapéu de couro, com a mencionada frase, foi também estampada em camisetas, que ele usa inclusive para trabalhar. A primeira vez que Antonio participou de uma grande manifestação foi no dia 20 de Novembro de 2006, na Passeata da Consciência Negra. Antes ele saía caminhando com a bandeira em locais como a Avenida Paulista, o centro da cidade, o Parque Dom Pedro, a Rua 25 de Março, ou seja, em locais de grande concentração populacional. Entretanto, as cores preta, vermelha e branca da bandeira poderia confundir com uma bandeira do São Paulo Futebol Clube. Segundo ele, a frase também não estava transmitindo a mensagem claramente. Foi pensando nisso que Antonio teve a idéia de construir um boneco de cerca de



Ilustração 2

três metros de altura e mudar a frase para “Movimento São Paulo Contra o Preconceito”. Antonio também escreve panfletos contra a intolerância, que distribui nas estações de metrô sempre que possível, às terças-feiras. Note-se que o “movimento” é assumidamente uma manifestação individual.

Antonio Marcos nos relatou que a idéia principal deste protesto se deu pelo fato de não suportar mais o preconceito contra o nordestino em São Paulo. Quando o solicitamos para que ele falasse sobre sua visão deste preconceito, as suas histórias narradas foram gravadas, e iremos transcrevê-las na íntegra.

**Antonio Marcos:** No meu trabalho mesmo, tem um rapaz que é auxiliar de escrevente e é formado em Direito. Eu tenho o Ensino Médio e sou escrevente. Um dia ele disse assim: deveria

ter uma lei aqui em São Paulo que mandasse os nordestinos de volta para a ‘terrinha’. Aí, eu disse para ele que seria bom porque quem sabe assim, ele conseguiria um lugar de escrevente.

Uma vez, eu estava no cinema com o meu filho e antes de começar a sessão, um rapaz falou para o outro. – Você não sabe o que aconteceu comigo esta semana: um ‘baianinho’ lá de São Mateus, (periferia da Zona Leste de São Paulo) querendo discutir política comigo. Que o Lula é isso, que o Lula é aquilo. Imagine! Um ‘baianinho’ lá de São Mateus querendo discutir política.

Eu lá atrás ouvindo isso. Antes de começar o filme, passou uma propaganda e um deles começou a dar risada e dizer: que ‘baianada’ é essa?. Então, eu cheguei e perguntei? Meu amigo, você tem alguma coisa contra baiano? Aí, ele ficou sem jeito e disse que não, que era brincadeira. Então eu disse que era bom que fosse mesmo porque fazia meia hora que eles estavam falando mal de baiano. O cara pediu desculpas e ficou por isso mesmo.

Ah! Tem uma história que aconteceu no Tribunal aonde trabalho. Eu sou separado e tenho uma namorada que trabalha lá também. Ela é mais nova do que eu e não é por nada não, ela é a mais ajeitada, a mais bonita que tem lá.

Tem uma psicóloga que dizia ser minha amiga antes de eu começar a namorar esta menina (...). Quando ela ficou sabendo que eu estava namorando a Paula, ela a chamou e disse: se eu fosse sua mãe eu iria ficar muito triste com você porque a gente não pode regredir. Você tem que vê que o Antonio é mais velho que você, é um ‘baianinho’. Você merecia coisa melhor.



Ilustração 3

Isso aí foi o estopim para eu começar este movimento. Subi na cadeira e comecei a falar: quem você acha que é? Você é melhor do que eu? (...) aí eu fiz esta camiseta (que está escrito “contra o preconceito” e tem este desenho de um chapéu de couro) e só trabalho com ela. O rapaz que tira xerox me perguntou se eu só tenho esta camiseta porque eu nunca tiro. Ele disse que esse negócio de São Paulo contra o preconceito não existe. Ele falou que eu era trouxa. Então eu disse: você acha que os advogados que vêm aqui te olham da mesma forma

como olham para outro advogado? Claro que não! Você com esse uniforme não passa de um serviçal e nunca será tratado como advogado, pois infelizmente a pessoa é julgada pela roupa que ela veste. Ele sabe que existe discriminação mesmo. Só pelo fato de uma pessoa usar terno, ela já é tratada de forma diferente. Eu sempre digo que estou fazendo a minha parte. As pessoas então, não têm argumento.

O nordestino quando vai ao shopping, ele já é discriminado pelo sotaque, pelo modo de vestir. Aí, ele se inibe um pouco porque ele tem certeza que existe preconceito e que ele vai ser discriminado.

Você já viu algum engravatado ser parado pela polícia?

Agora, você vê três negões, eles vão ser parados. O próprio negro sabe que vai ser parado. Ele sabe que existe o preconceito. Esse negócio de que o preconceito está dentro de você, não existe. Por exemplo, para trabalhar numa empresa, os anúncios pedem pessoas de “boa aparência”. Quantas secretárias negras você vê? Eu tô falando de um comportamento geral. Você é o que você tem. Se você não tem nada, você não é ninguém.

**Pesquisadora:** Para você, como a maioria das pessoas que mora em São Paulo vê o nordestino?

**Antonio Marcos:** É lógico que na cidade de São Paulo não existe só nordestino. A maioria das pessoas que não são nordestinas, só pelo fato de acontecer qualquer coisa mal feita, qualquer coisa errada, eles chamam de “baianada”. Não falam baianada porque é relativo à Bahia, falam em relação a todo o Nordeste. Se vêem uma moça mal vestida, já falam: oh! que baianinha!. Está impregnado na cultura de muita gente que mora aqui. Tudo que não presta é baianada. É como se fosse no nazismo. Todos os nordestinos seriam judeus.

É só você observar: infelizmente, os nordestinos têm os piores empregos. A pessoa vê um camelô e já diz: aquele ali é um baianinho, é um nordestino. O nordestino é visto como uma raça inferior.

As profissões mais inferiores ficam para os nordestinos e para os negros. Você vê na televisão o papel de empregados. Quantas profissões superiores o negro faz? Você já viu algum papel principal ser de nordestino com sotaque de

nordestino? Uma vez ou outra passa aquele papel que a Suzana Vieira fez numa novela, mas que eu me pergunto: de onde é aquele sotaque?

Assim como os negros vieram para o Brasil, os nordestinos vieram para São Paulo numa condição inferior para erguer os edifícios. Já vieram numa condição econômica desfavorável. Se você é nordestino e tem dinheiro, as pessoas vão fingir que não têm preconceito. O pessoal que está na mídia vai ser discriminado? A coisa se resume em ter e não ter dinheiro. A questão é generalizada. Não parte só da elite. Você tendo uma condição de vida melhor, da classe média para cima, já discrimina. O que não tem também discrimina. Por exemplo: a minha namorada estuda na FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas) e eu vou com esta camisa. Lá eu vejo os olhares...

Aonde eu trabalho, o auxiliar de escrevente que disse que o Gugu [apresentador do SBT - programa "De volta pra sua terra"] deveria mandar todos os nordestinos para a terrinha. Eu ganho mais do que ele, e ele pensa assim... Então eu disse: só assim para você ficar no meu lugar. Eu sou chato mesmo!

As pessoas pensam que o nordestino não tem capacidade. Quantas vezes o Lula não foi criticado por ser nordestino? Por falar errado? A maior rejeição nas eleições que ele não ganhou, foi pelo fato dele ser nordestino.

Quando eu cheguei aqui, já tinha terminado o 2º grau [ensino médio], mas fui cursá-lo novamente, em São Bernardo do Campo, só para fazer amizades. Fui vítima de piadas, até quando a professora passou um trabalho sobre os carecas do ABC, os *skinheads*. Ela falou na classe que foi o melhor trabalho do colégio. A partir desse trabalho deixaram de me chamar de nordestino, de baianinho. A partir do momento que você prova que tem capacidade a coisa muda.

No ônibus eu escutei: é o aniversário da morte do Raul Seixas, e oh! o cara é baiano. Claro que tem preconceito. O cara é bom, mas é baiano. É como se fosse uma doença. Quando você é nordestino, você observa mais, fica mais aguçado.

Eu tive que mudar as cores do Boneco porque o pessoal confundia com o time do São Paulo (vermelho, preto e branco). E não era nada disso. Não tinha nada a ver com time.

**Pesquisadora:** Teve algum momento em que você se sentiu agredido por estar com esse Boneco?

**Antonio Marcos:** Não, depois desse boneco é que eu vi que as pessoas estavam precisando que alguém falasse por eles. É legal porque o que você está fazendo tem receptividade.

Eu saio toda terça-feira, antes de ir trabalhar, para entregar panfletos nas estações do metrô. Quando entrego o folheto o pessoal pensa que estou pedindo dinheiro. Aí eu digo que não é nada disso, que eu trabalho. O brasileiro só se manifesta quando tem um trio elétrico. Aí vai todo mundo. Se não tiver, não vai ninguém. Por isso é que eu ando com o meu Boneco sozinho. Tem que fazer alguma coisa que chame à atenção. A idéia de fazer este boneco foi quando vi os palhaços de perna-de-pau. Eu peguei férias dia 20/12/06 para fazer esse boneco porque antes era só a bandeira, mas ela não destacava muito.

Você vê: a maioria dos compositores que tocam aqui em São Paulo é do Nordeste: Gilberto Gil, Caetano. Inclusive um dia eu estava conversando com um cara que começou a falar mal de nordestino e começou a elogiar o Nelson Rodrigues. Aí eu falei pra ele que o Nelson Rodrigues era nordestino. O cara falou que achava que ele era do Rio de Janeiro. Eu respondi para ele: você achava porque você não sabe o que fala.

---

Após esta entrevista, realizada em 18 de Fevereiro de 2007, tivemos mais um contato com Antonio Marcos em que este nos informou ter sido entrevistado pelo SPTV da Rede Globo (programa jornalístico da emissora) nos idos de Abril de 2007, e que depois dessa reportagem, muitas pessoas começaram a perceber que, segundo ele, “a *nossa* luta é séria” (grifo nosso). Ele nos disse que virou até celebridade e que às vezes as pessoas o param na rua e dizem que o viram na televisão e que é isso aí, que temos que lutar mesmo.

Recentemente, antes da conclusão final deste trabalho, nosso entrevistado também concedeu entrevista à revista *Brasileiros* e disse não concordar com as conclusões do grupo de nordestinos ouvido no levantamento obtido pela pesquisa Ibope/Brasileiros que trata do preconceito. A pesquisa aponta que houve quase

consenso de que a discriminação aos migrantes vem diminuindo e hoje está diluída em piadas e gozações.

Segundo Antonio Marcos. “O errado, o feio é sempre associado ao nordestino. É sempre o baianinho que fez isso, o baianinho que fez aquilo. Pode até ser em tom de brincadeira, mas sempre com o intuito de diminuir” (BRASILEIROS, 2007:50).

Assim como Antonio Marcos Barbosa da Silva, acreditamos que o grupo de nordestinos entrevistado pela revista *Brasileiros* não corresponde ao que sentem a maioria dos migrantes nordestinos que vivem na cidade de São Paulo. Nós também concordamos que existe uma carga muito grande de preconceito contra o nordestino e a este é atribuído um grau de inferioridade em relação ao paulistano.



Ilustração 4



mo que ela seja cada uma das quatro linhas, como diz o editor-chefe da publicação, Luiz Fernando Gomes.

carregam as suas diferenças, mas tem muito mais em comum do que meros quilômetros de fronteira.

## O CAVALEIRO DA TOLERÂNCIA

Nascido em Barra de Guabiraba, pequena cidade da Zona da Mata pernambucana, o brasileiro Antônio Marcos Barbosa da Silva – o Antônio do Glicério –, 35 anos, já fez e passou por quase tudo nesta vida. Em 15 anos de São Paulo, lavou carros, vendeu tapiocas e outras bugigangas para sobreviver, trabalhou nos Cor-

reios e foi fiscal de transportes da Prefeitura de Santo André. Tudo isso até ingressar no austero prédio do Tribunal de Justiça, na Praça da Sé, Centro da capital paulista, onde exerce a função de escrevente judiciário. Porém, nada do que fez até hoje lhe dá tanto orgulho e felicidade quanto a luta pela igualdade e respeito ao próximo, não importa se pobre, negro, gay, judeu, evangélico ou nordestino como ele.

### Mendigos, sem-teto, drogados

Antônio do Glicério é o soldado da tolerância. Suas armas nessa eterna batalha são uma infatigável disposição física, milhares de panfletos an-

afirmar tratado. preconcegro.” ozação, a cipal jor não perde s insucesso escrete times e a aos bratoriais do elli, dire-

stimula a tre Brasil úrito que em. Prin Argentirmos auoção se apão, em l eliminao, o Olé e cobrir o sil e a Inanças da eve dúvi-



ANTÔNIO DO GLICÉRIO E SEU BONECO Voluntário contra o preconceito



**Não dá para ficar calado diante de tanto preconceito. Você é discriminado por sua aparência, você é discriminado por ser gordo, você é discriminado pela roupa que está vestindo. Pela cor de sua pele você também é julgado. Você é discriminado pelo trabalho que faz, você é discriminado por viver na periferia que hipocrisia, você é discriminado até por fazer compras no Brás. Você é menosprezado por ter vindo do Nordeste, você é marginalizado até mesmo por morar na Zona Leste.**

O caráter e a capacidade de alguém não podem ser medidos pela cor, pela terra natal ou pela classe social. **Somos filhos da mesma nação: ricos, pobres, homossexuais, negros, brancos, nortistas, sulistas, imigrantes, nordestinos ou não. Temos os mesmos direitos. Assim diz o Art. 5º, I da Constituição : “Todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza...”** que beleza! Mas você sabe que na realidade isso não funciona não.

**Independente de sua cor, independente de sua religião, independente do lugar onde você nasceu, independente de ser rico ou de não ter dinheiro, você é um ser humano, você faz parte dessa história, você é um cidadão brasileiro . Faça a sua parte, diga não à discriminação!**

**“Enquanto os que se acham “iguais” querem ser diferentes, os ditos “diferentes” precisam provar todo dia que são iguais.” . Marcos Barbosa**  
e-mail: [contatomarcosbarbosa@hotmail.com](mailto:contatomarcosbarbosa@hotmail.com)

Ilustração 6



Ilustração 7



**Não dá para ficar calado diante de tanto preconceito. Você é discriminado por sua aparência, você é discriminado por ser gordo, você é discriminado pela roupa que veste. Pela cor de sua pele você é julgado e condenado.**

**Se você é deficiente você é visto como incapaz. Você é discriminado por viver na periferia, que hipocrisia, você é discriminado até por fazer compras no Brás. Você é menosprezado por ter vindo do Nordeste. Você é marginalizado até mesmo por morar na Zona Leste.**

**Se você é negra ou negrão, só você sabe o tamanho da discriminação, se você for camelô você é perseguido como se fosse um ladrão.**

**O caráter e a capacidade de alguém não podem ser medidos pela cor, pela terra natal ou pela classe social. Somos filhos da mesma nação: ricos, pobres, homossexuais, negros, brancos, nortistas, sulistas, imigrantes, nordestinos ou não, temos os mesmos direitos.**

**O Art. 5º, I da Constituição Federal diz que: “Todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza..”**

**Veja bem, você não é obrigado a gostar de ninguém, você só precisa respeitar os DIREITOS DOS OUTROS, você só precisa ser tolerante e aprender a conviver com as diferenças.**

**Temos que deixar de ser uma sociedade preconceituosa e embrutecida pela massificação de valores em que o TER vale mais que o SER.**

**Aceite as diferenças**

**Diga não à discriminação!**

e-mail: [antoniodoglicerio@hotmail.com](mailto:antoniodoglicerio@hotmail.com)

photoblog: [doglicerio.nafoto.net](http://doglicerio.nafoto.net)

Ilustração 8

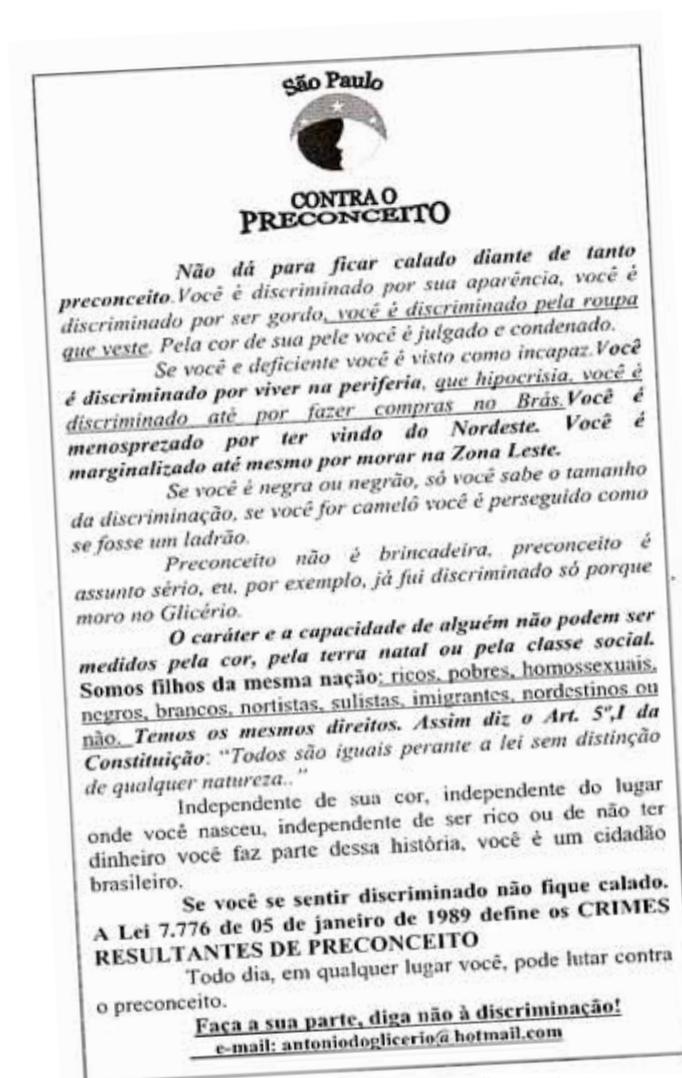


Ilustração 9



Ilustração 10

# Marcha Negra reúne 12 mil em São Paulo

Manifestantes percorreram a avenida Paulista e acabaram na Assembleia Legislativa

**Objetivo do evento**  
 Reunir 12 mil participantes para reivindicar a meta de cotas em universidades públicas

**LOCAL**  
 Avenida Paulista

Uma multidão de pessoas se reuniu à tarde cerca de 12 mil pessoas, segundo a comissão organizadora, em comemoração ao Dia da Consciência Negra em São Paulo. A concentração ocorreu no Parque da Independência, no bairro do Ipiranga (zona sul), e terminou na Assembleia Legislativa.

Antes de partir para a Assembleia Legislativa, os manifestantes percorreram a Avenida Paulista e chegaram ao Congresso Municipal de São Paulo. Lá, houve uma parada para a leitura de um manifesto e a distribuição de panfletos. Depois, os manifestantes foram para a Assembleia Legislativa, onde se reuniram para discutir a implementação de cotas em universidades públicas.

## Conscientização

Foi a primeira vez que Célia Cipriano, proprietária de um escritório de contabilidade, integrou a marcha. "Acho que é importante para conscientizar a nós mesmos [negros] de que precisamos sempre lutar e não desistir nunca", afirmou.

Paulistanos de diversas raças e etnias participaram da

Entre as reivindicações do grupo estão a melhoria da escola pública e a adoção de cotas para negros em universidades, além da votação do Estatuto da Igualdade Racial.

O corredor Oscar de Moraes, conselheiro do parque da Independência, foi do Ipiranga (zona sul) à Paulista correndo. Depois, enquanto os manifestantes caminhavam, ele trotava na frente. "Fiz esse esforço para prestigiar a união do povo negro", disse.

A frente da marcha havia mulheres vestidas como baianas. Pequenos grupos tocavam instrumentos, jogavam capoeira e dançavam.



Antônio Gaudério/Folha Imagem

Manifestantes percorreram a avenida Paulista no Dia da Consciência Negra; grupo reivindicou cotas em universidades públicas

Marlene Bergamo/Folha Imagem

COMO RETRATO DO BRASIL

Comemorações

27/11/2006

COMO RETRATO DO BRASIL



Ilustração 12

## Capítulo III

### PATATIVA DO ASSARÉ, CANTADOR DO NORDESTE EM VERSO E PROSA

Este item se propõe a fazer uma breve apresentação do poeta Patativa do Assaré e destacar alguns elementos de sua produção poético-musical, que muito se relacionam com o tema deste trabalho.

Diante da grandeza da obra deste trovador, apesar de não ter sido nosso objeto central de estudo, selecionamos dois olhares deste poeta sobre o nordestino como sujeito de uma determinada região e de sua condição de migrante.

Considerado um dos maiores poetas populares do país com sua linguagem em estado bruto, cantou o Nordeste em verso e prosa com a pureza e sabedoria dos homens sensíveis. Embora tenha tido uma breve passagem pelos bancos escolares, com suas trovas compostas em linguagem rústica do sertanejo, foi objeto de tese nas Universidades de Londres e Paris.

Seu legado tem muito ainda a ser explorado. Neste trabalho, Patativa nos contempla com dois poemas que traduzem de forma profunda o olhar do nordestino sobre si mesmo (Nordestinado) e a sua expulsão da terra natal (Triste Partida).

Transcrevemos, a seguir, a sua autobiografia com o objetivo de apresentar um breve histórico de sua vida.

#### AUTOBIOGRAFIA

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, que dista três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo

filho. Quando completei oito anos fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza. Com a idade de doze anos, freqüentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim. Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos, pois o sentido de tais versos era o seguinte: Brincadeiras de noite de São João, testamento do Judá, ataque aos preguiçosos, que deixavam o mato estragar os plantios das roças, etc. Com dezesseis anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava, glosando os motes que os interessados me apresentavam. Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando alguém me convida para este fim. Quando eu estava nos vinte anos de idade, o nosso parente José Alexandre Montoril, que mora no Estado do Pará, veio visitar o Assaré, que é seu torrão natal, e ouvindo falar de meus versos, veio à nossa casa e pediu a minha mãe, para que ela deixasse eu ir com ele ao Pará, prometendo custear todas as despesas. Minha mãe, embora muito chorosa, confiou-me ao seu primo, o qual fez o que prometeu, tratando-me como se trata um próprio filho. Chegando ao Pará, aquele parente apresentou-me a José Carvalho, filho de Crato, que era tabelião do 1º Cartório de Belém. Naquele tempo José Carvalho estava trabalhando na publicação de seu livro *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, o qual tem um capítulo referente a minha pessoa e o motivo da viagem ao Pará. Passei naquele Estado apenas cinco meses durante os quais não fiz outra coisa, senão cantar ao som da viola com os cantadores que lá encontrei. De volta do Ceará, José Carvalho deu-me uma carta de recomendação, para ser entregue à Drª. Henriqueta Galeno, que recebendo a

carta, acolheu-me com muita atenção em seu Salão, onde cantei os motes que me deram. Quando cheguei na Serra de Santana, continuei na mesma vida de pobre agricultor; depois casei com uma parenta e sou hoje pai de uma numerosa família, para quem trabalho na pequena parte de terra que herdei de meu pai. Não tenho tendência política, sou apenas revoltado contra as injustiças que notando desde que tomei algum conhecimento das coisas, provenientes talvez da política falsa, que continua fora do programa da verdadeira democracia.

Nasci a 5 de março de 1909. Perdi a vista direita, no período da dentição, em consequência da moléstia vulgarmente conhecida por Dor-d'olhos.

Desde que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçazinha, só não plantei roça no ano que fui ao Pará.

ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA (Assaré, 2001:15-16)



Ilustração 13

Patativa diz que ganhou este apelido aos 20 anos, quando foi comparado à conhecida ave nordestina pelo folclorista José Carvalho de Brito em uma matéria publicada no jornal Correio do Ceará (JÁ, 1998).

## NORDESTINADO

Nunca diga nordestino  
que Deus lhe deu o destino  
causador do padecer  
nunca diga que é o pecado  
que lhe deixa fracassado  
sem condição de viver.

Não guarde no pensamento  
que estamos no sofrimento  
é pagando o que devemos.

A Providência Divina  
não nos deu a triste sina  
de sofrer o que sofremos.

Deus, o autor da criação  
nos dotou com a razão  
bem livres de preconceitos  
mas os ingratos da terra  
com opressão e com guerra  
negam os nossos direitos.

Não é Deus que nos castiga  
nem é a seca que obriga  
sofrermos dura sentença

não somos nordestinados  
nós somos injustiçados  
tratados com indiferença.  
Sofremos em nossa vida  
uma batalha renhida  
do irmão contra o irmão  
nós somos injustiçados  
nordestinos explorados  
nordestinados, não.

(Assaré, 2002:42)

O poeta diz que fez este poema para tirar a superstição do caboclo que se sente inferior ao operário. Para Patativa, o operário se sente além do camponês pelo fato de morar na cidade. “Eles são iguais, mas eles se sentem diferentes. Eu procuro unir os dois, mais vendo que há sempre uma dificuldade. O pobre do agregado, humilde, se sente mesmo que é menor do que o operário” (2002:43).

Através de Nordestinado, o poeta nos mostra que o destino do nordestino não foi determinado pela “Providência Divina”, mas sim pela exploração e a injustiça de nossos irmãos.

“Eu sempre fui procurado pelos pesquisadores da cultura e também sobre a minha vida. Como é que eu faço tudo isso sem estudar, como é que eu crio aqueles quadros e vou reproduzir em versos, tudo dentro da verdade? Eu digo é, eu posso dizer que eu sou o poeta da justiça e da verdade. Eu gosto da verdade” (p.103). “A minha mensagem será sempre sobre a justiça e a verdade. Olhe, eu nunca ofendi a ninguém, nunca ataquei a seu ninguém, mas ninguém pode reclamar as verdades que eu digo, porque o povo mesmo sabe ver” (p.123).

Escolhemos o poema abaixo transcrito por ser além de uma das obras mais conhecidas de Assaré que se popularizou na voz de Luiz Gonzaga, conhecido como o rei do baião, este traduz de forma ímpar o eterno dilema que vive o nordestino: vir para o Sul na esperança de um dia voltar, porém esta volta está sempre por esperar.

### A TRISTE PARTIDA

Setembro passou, com outubro e novembro  
Já tamo em dezembro.  
Meu Deus, que é de nós?  
Assim fala o pobre do seco Nordeste,  
Com medo da peste,  
Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a experiência,  
Perdeu sua crença  
Nas pedra de sá.  
Mas nôta experiência com gosto se agarra,  
pensando na barra  
Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,  
O só, bem vermeio,  
Nasceu munto além.  
Na copa da mata, buzina a cigarra,  
Ninguém vê a barra,  
Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,  
Depois, feverêro,  
E o mêrmo verão.  
Entonce o rocêro, pensando consigo,  
Diz: isso é castigo!  
Não chove mais não!

Apela pra maço, que é o mês preferido  
Do Santo querido,  
Senhô São José.  
Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito,  
Lhe foge do peito  
O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,  
Chamando a farnia  
Começa a dizê:  
Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,  
Nós vamo a São Palo  
Vivê ou morrê.

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia;  
Por terras aleia  
Nós vamo vagá.  
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,  
Pro mêrmo cantinho  
Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,  
Inté mêrmo o galo  
Vendêro também,  
Pois logo aparece feliz fazendêro,  
Por pôco dinhêro  
Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;  
Chegou o triste dia,  
Já vai viajá,  
A seca terrive, que tudo devora,  
Lhe bota pra fora  
Da terra natá.

O carro já corre no topo da serra.  
Oiando pra terra,  
Seu berço, seu lá,  
Aquele nortista, partido de pena,  
De longe inda acena:  
Adeus, Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfadado,  
E o carro embalado,  
Veloz a corrê,  
Tão triste, coitado, falando saudoso,  
Um fio choroso  
Escrama, a dizê:

- De pena e sodade, papai, sei que morro!  
Meu pobre cachorro,  
Quem dá de comê?  
Já ôto pergunta: - Mãezinha, e meu gato?  
Com fome, sem trato,  
Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:  
- Mamãe, meus brinquedo!  
Meu pé de fulô!  
Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!  
E a minha boneca  
Também lá ficou.

E assim vão dexando, com choro e gemido,  
Do berço querido  
O céu lindo e azu.  
Os pai, pesaroso, nos fio pensando,  
E o carro rodando  
Na estrada do Su.

Chegaro em São Palo - sem cobre, quebrado.  
O pobre, acanhado,  
Percura um patrão.  
Só vê cara estranha, da mais feia gente,  
Tudo é diferente  
Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,  
E sempre no prano  
De um dia inda vim.  
Mas nunca ele pode, só veve devendo,  
E assim vai sofrendo  
Tormento sem fim.

Se arguma notícia das banda do Norte  
 Tem ele por sorte  
 O gosto de uvi,  
 Lhe bate no peito sodade de móio,  
 E as água dos óio  
 Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,  
 Ali veve preso,  
 Devendo ao patrão.  
 O tempo rolando, vai dia, vem dia,  
 E aquela famia  
 Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,  
 Exposto à garoa,  
 À lama e ao paú,  
 Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo, Vivê como escravo  
 Nas terra do Su.

Patativa menciona um fato bastante ilustrativo sobre A Triste Partida no seguinte verso:

Distante da terra tão seca mas boa  
 exposto à garoa  
 à lama e ao paú  
 faz pena o nortista, tão forte, tão bravo  
 vivê como escravo  
 nas terra do Sul.

“É como que um hino nordestino viu? E no fim para satisfazer aos sulinos, o Luiz Gonzaga mudou: *‘viver como escravo, no norte e no sul’* (ele ri muito e diz) eu fiquei danado, viu? Agora, tem uma mudançazinha também que é para comércio, eu dei razão a ele, que ele queria vender o disco e tal:

O carro já corre no topo da serra  
oiando pra terra, seu berço, seu lar  
aquele nortista, partindo de pena  
de longe ainda acena, adeus Ceará.

E Luiz Gonzaga botou: ‘de longe acena: adeus meu lugar’” (Assaré, 2002:48-50).

Este episódio nos faz refletir que Patativa acabou cedendo à troca de palavras por Luiz Gonzaga, para que estas não viessem a ferir os brios do povo do Sul.

Observamos também em Patativa, através de alguns versos de Triste Partida, que o nordestino é mencionado como nortista e a região Nordeste é sinônimo da região Norte, por exemplo: *aquele nortista, partido de pena; se alguma notícia das bandas do Norte; faz pena o nortista, tão forte, tão bravo*. Mais uma vez, nos deparamos com a questão da nomenclatura das regiões Norte/Nordeste, em que estas são referidas até os dias de hoje como se fossem uma única região.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos a dificuldade em entrevistar outros segmentos de trabalhadores portadores de nível superior como advogados e médicos. Além da dificuldade em obter indicações para entrevistas via entidades de classes e pelo fato de existirem proporcionalmente menos nordestinos nestes segmentos do que nos anteriormente estudados, os poucos contatados em seus locais de trabalho apresentaram resistência em responder as entrevistas. Acreditamos caber nestes casos, a seguinte interrogação: será que esta classe social nunca se sentiu, ou, não se sente discriminada, ou, não assume que já foi vítima de discriminação por pertencer a um grupo minoritário que ascendeu socialmente e, portanto, se houve alguma forma de discriminação/preconceito, estes tenham se manifestados velados?

Na medida em que o nordestino é reconhecido como migrante cuja marca acentuada está principalmente no seu sotaque e na sua compleição física, e vendo-se como vítima de discriminação, preconceito e humilhação, este acaba por “refugiar-se” entre seus pares (familiares e conterrâneos) cujas relações de amizade e solidariedade são a base de sua existência na cidade de São Paulo. Quando perguntamos como estes se sentiam morando em São Paulo, os desabafos relatados pelos migrantes foram principalmente a saudade da família, solidão, tristeza e não poderem visitar os parentes nos seus lugares de origem.

Achamos importante destacar que as ciências sociais, por terem estruturas e modelos determinados, fazem com que o pesquisador fique em dúvida sobre o que é ou não importante do que ele extrai do trabalho de campo, ou seja, até que ponto são valoradas as idiossincrasias dos entrevistados.

Ainda através deste estudo, verificamos a sobreposição da cultura “paulistana” cuja formação se deu através da apropriação de influências de diferentes povos imigrantes (principalmente italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, árabes e alemães) incorporando a culinária, o sotaque (especialmente

no caso dos italianos), música, hábitos etc, em detrimento da cultura “nordestina”. Apesar do Brasil ser um vasto território de regionalismos, há uma resistência de grande parte dos paulistanos em reconhecer a importância da população nordestina em São Paulo e a sua contribuição para a construção desta cidade.

Entretanto, acreditamos que, ainda que os paulistanos, em grande parte, tenham uma visão negativa desta massa de migrantes nordestinos que aqui se instalaram e apresentem esta resistência a incorporar a cultura nordestina, acabam também por alterar seus hábitos de vida, reelaborando-os e modificando-os através das influências desta população, assimilando, por exemplo, a alimentação, a música, a gestualidade e afetividade (o nordestino fala com certa eloquência e tem como demonstração de carinho, se utilizar do abraço e do toque nos ombros das pessoas mais próximas e convida o outro para ir à sua casa, ainda que tenha sido a primeira vez que o conheceu).

Reafirmamos que através desta pesquisa realizada com os segmentos selecionados, as “redes de relações” entre os pares, são determinantes para a permanência destes migrantes na cidade de São Paulo.

Este trabalho não se esgota por aqui dada à relevância da migração e seus desdobramentos. Esperamos que em outro momento possamos dar continuidade e aprofundamento desta temática tão presente e com tamanhas interrogações que merecem ser melhor exploradas.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### I. BIBLIOGRAFIA

#### 1.1 Livros

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

ASSARÉ, Patativa do. *Digo e Não Peço Segredo*. São Paulo: Escrituras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Cante Lá que Eu Canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes, 2001.

AYALA, Maria Ignez Novais. *No Arranco do Grito: aspectos da cantoria nordestina*. São Paulo: Ática, 1988.

BARBOSA, Fernando Cordeiro. *Trabalho e Residência: estudo das ocupações de empregada doméstica e empregado de edifício a partir de migrantes "nordestinos"*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2000.

BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura Brasileira: tema e situações*. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Cultura de Massas e Cultura Popular*. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classe e Estilos de Vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu* (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983a.

\_\_\_\_\_. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983b.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CARDOSO, Fernando Henrique. Considerações sobre o Desenvolvimento de São Paulo: Cultura e Participação. In: *Cadernos CEBRAP*, nº14, 1975.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Editora Difel, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1984.
- CROCHIK, José Leon. *Preconceito, Indivíduo e Cultura*. São Paulo: Robe Editorial, 1997.
- DA MATTA, Roberto. *O Que Faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. *A Caminho da Cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ESTRELA, Ely Souza. *Os Sampauleiros: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: FAPESP: Educ, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv (Org). Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Editora Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.
- IANNI, Octavio. *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

KHOURY, Yara Aun. Muitas Memórias, Outras Histórias: cultura e o sujeito na história. In: KHOURY, Yara Aun et al. (Org.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Lazer da População de Origem Migrante na Metrópole. In: *Travessia: revista do migrante*, publicação do Centro de Estudos Migratórios, nº 7, maio/agosto, 1990.

\_\_\_\_\_. *Festa no Pedaco*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARGOLIS, Maxine. *Little Brasil: imigrantes brasileiros em Nova York*. São Paulo: Papirus, 1994.

MARTINS, José de Souza. *Sobre o Modo Capitalista de Pensar*. São Paulo: HUCITEC, 1986.

MATOS, Amílcar Dória. *Nordeste: um desafio para nós todos*. São Paulo: Ed. Nacional, 1986.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia* (v.1). São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MENEZES, Marilda Ap. de et all. O retorno para a festa. In: *Travessia: revista do migrante*, publicação do Centro de Estudos Migratórios, nº 7, maio/agosto, 1990.

OLIVEIRA, Francisco de. *O Elo Perdido: classe e identidade de classe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Elegia para uma Re(li)gião: Sudene, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PENNA, Maura. *O Que Faz Ser Nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.

PÓVOA NETO, Helion. A Produção de um Estigma: Nordeste e Nordestinos no Brasil. In: *Travessia: revista do migrante*, publicação do Centro de Estudos Migratórios, nº 7, maio/agosto, 1990.

QUEIRÓZ, Renato da Silva. *Não Vi e Não Gostei: o fenômeno do preconceito*. São Paulo: Moderna, 1995.

RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria Nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

SCHWARZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *O Regionalismo Nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984.

SOUZA, Itamar de. *Migrações Internas no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1980.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

WEFFORT, Francisco. Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre cultura nacional e cultura popular. In: *Cultura do povo*. São Paulo: Cortez, 1988.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Editora Vozes, 2003, p. 7-71.

## 1.2 Teses e dissertações

ALMEIDA, Rosângela da Silva. *A Solidão Intimista na Cidade Mundial: uma análise da experiência da migração*. (Tese de Doutorado). Departamento de Psicologia Social, PUC/SP, 2003.

AZEVEDO, Mirandulina Maria Moreira. *Migração e Memória: a experiência dos nordestinos*. (Tese de Doutorado). Departamento de Geografia, FFLCH/USP, 2002.

BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. *Nas Terras do Deus-Dará: nordestinos e suas redes sociais em São Paulo*. (Tese de Doutorado). Departamento de Ciências Sociais, PUC/SP, 1998.

CARDEL, Lídia Maria Pires Soares. *Migração, Liminaridade e Memória: um estudo sobre o choque entre imaginários e (re)construção de identidades*. (Tese de Doutorado). Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, 2003.

COSTA, Rogério Haesbaert da. *"Gaúchos" no Nordeste: modernidade, desterritorialização e identidade*. (Tese de Doutorado). Departamento de Geografia, FFLCH/USP, 1995.

FRANCO, Luiz Fernando. *Educação e Multiculturalismo: migrantes nordestinos em uma escola estadual. Um estudo de caso a partir de escola pública*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, USP, 2003.

PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos Cruzados: a migração para São Paulo e os dilemas da construção do Brasil moderno nos anos 1930/50*. (Tese de Doutorado). FFLCH, USP, 2000.

PEREIRA, Verônica Sales. *Mobilidade Social e Cidadania: a construção da cidade e do cidadão na experiência de migrantes nordestinos que ascenderam socialmente em São Paulo*. (Dissertação de Mestrado). FFLCH, USP, 1997.

PIMENTEL, Maria Isabel Schulz. *O Migrante em São Bernardo do Campo*. (Dissertação de Mestrado). FFLCH/USP, 1997.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. *Sertanejos Contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, 1997.

VERAS, Maura Pardini. *O Bairro do Brás: um século de transformação no espaço urbano ou diferentes versões da segregação social*. São Paulo. (Tese de Doutorado). PUC/SP, 1992.

## II FONTES

### 2.1 Fontes escritas: jornais, revistas, cadernos, panfletos e sites da Internet

BRASILEIROS. Revista Mensal de Reportagens. São Paulo: Editora Brasileiros, nº1, julho de 2007.

CADERNOS CEBRAP. São Paulo, nº14, 1975.

FSP (Folha de São Paulo). São Paulo: 22 de outubro de 2005; 19 de dezembro de 2003; 16 de outubro de 2003; 23 de janeiro de 2000; 25 de julho de 1997.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Página na Internet <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>.

JÁ (Revista do Jornal Diário Popular). São Paulo, 23 de agosto de 1998.

JB (Jornal do Brasil). Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1987.

OESP (O Estado de São Paulo). São Paulo, 07 de agosto de 2005.

REVISTA CAROS AMIGOS. São Paulo, nº 75, junho/2003

TRAVESSIA: Revista do Migrante. São Paulo, Maio a Agosto de 1990.

PEC – Programa de Educação Continuada – Secretaria de Educação do Estado de São Paulo em convênio com a Faculdade de Educação da USP. *Geografia – 5ª a 8ª série*. CNBB – Pastoral dos Migrantes. 35ª Assembléia Geral, Itaiaci, Indaiatuba, 1997.

São Paulo contra o Preconceito. Panfletos redigidos e confeccionados por Antonio Marcos Barbosa da Silva

## **2.2 Fontes orais: rol dos entrevistados**

### **2.2.1 Professores/ professoras entrevistados**

1. Aurélio de Queiroz Azevedo
2. Ivonildes Souza Nascimento
3. Josafá Pereira da Silva
4. José Francisco de Carvalho
5. José Reinaldo Miranda de Sousa
6. Lucileide Costa Cardoso
7. Marco Antonio
8. Maria Adailza Martins de Albuquerque
9. Maria de Lourdes Lima Silva
10. Patrícia Cerqueira dos Santos

### **2.2.2 Garçons/ garçonetes entrevistados**

1. Ana Gomes de Souza
2. Antônio Adriano Gomes Filho
3. Antonio da Silva
4. Cristiane Isabel Silva Sousa
5. Edson Pires de Oliveira
6. Francisco das Chagas
7. José Clodoaldo Silveira
8. Juarez Dantas de Oliveira
9. Pollyanna Batista da Silva
10. Taciana Cosme da Costa

### **2.2.3 Zeladores/ porteiros entrevistados**

1. Aldeildo Josino
2. Alzenildo da Silva
3. Dijalma Pereira de Souza
4. Everaldo Araújo Prata
5. Irineu Marinho dos Santos
6. José Cosme Dias de Souza
7. Manoel Vieira Barbosa
8. Raimundo Ozimar da Silva

9. Romero Galdino da Silva
10. Valcir de Souza Cunha

### **2.3. Fontes imagéticas**

#### **2.3.1 Fotografias e imagens de livros, jornais e revistas**

ASSARÉ, Patativa do. *Digo e Não Peço Segredo*. São Paulo: Escrituras, 2002.  
BRASILEIROS. Revista Mensal de Reportagens. São Paulo: Editora Brasileiros, nº1, julho de 2007, p.49.

Diário de São Paulo de 06 de dezembro de 2006.

FSP (Folha de São Paulo) de 21 de novembro de 2006

Fotografias:

Registros feitos pela autora.

Fotos do site da Internet: <[www.doglicerio.nafoto.net](http://www.doglicerio.nafoto.net)>

#### **2.3.2 Filmes**

TEM QUE SER BAIANO? Filme realizado pela *Alô Vídeo*, Direção de Sandra Miguel, 1992/1993.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)